



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

LUIZ CARLOS BARBOSA JUNIOR

O Percurso Histórico da Misericórdia

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor António Matos Ferreira

Lisboa
2017



Seminário de Dissertação

Prof. Doutor António Matos Ferreira

Aluno: Luiz Carlos Barbosa Júnior

Louvo a Deus por sua Infinita Bondade, que me conduziu neste tempo à uma profunda experiência de Misericórdia. Agradeço aos professores e funcionários da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, aos meus familiares e amigos que estiveram comigo nesta «aventura de fé», e também aos meus irmãos de comunidade que são para mim verdadeiros sinais do Amor de Cristo. Por fim, dou graças a todos que ao longo da história se sentiram assim como eu,

UM FILHO DA MISERICÓRDIA!

Tema

O Percurso Histórico da Misericórdia

Resumo

O tema da Misericórdia divina ocupou um lugar de destaque no magistério de João Paulo II e muito recentemente foi objeto de um denso estudo pelo cardeal W. Kasper, e com certeza o Santo Padre Papa Francisco desenvolve este tema com muita profundidade ao longo destes anos de pontificado, e assim desperta a atenção e o interesse da teologia contemporânea. Tanto em João Paulo II como no magistério do papa Francisco, e também em W.Kasper, o tema da misericórdia situa-se na continuidade com a espiritualidade do Coração de Jesus, na linha de Santa Margarida Alacquoque, no séc. XVII, por um lado, e, por outro, com a espiritualidade da misericórdia que teve em Santa Faustina Kowalska uma expressão cimeira, influenciando João Paulo II. Além disso, movimentos relativamente recentes têm surgido, tendo na «misericórdia» uma referência privilegiada, como é o caso do Movimento Aliança de Misericórdia.

Abstract

The theme of Divine Mercy has occupied a prominent place in mastership of John Paul II and very recently it's been an object of a consistent study of cardinal W. Kasper. This theme has been largely developed throughout the pontificate of Pope Francis, and thus arousing the interest of contemporary theology. Both, in John Paul II and in pope Francis mastership, and also in W. Kasper, the theme of Mercy is situated in continuity with spirituality of Sacred Heart of Jesus on one side, from Saint Margarida Alacquoque (century XVII), and the other in devotion of Divine Mercy developed by Saint Faustina (century XX), who influenced John Paul II.

Besides that, recent ecclesial movements have arisen, having in Mercy a privileged reference, as the case of Community Covenant of Mercy.

Palavra-Chave (keywords): Misericórdia - Pecado - Salvação

Índice

Introdução	06
1. Raízes da Teologia da Misericórdia	09
1.1. O Vocabulário da Misericórdia – <i>hesed</i> e <i>hahamim</i>	10
1.2. O Vocabulário da Misericórdia – <i>hesed</i>	11
1.3. O Vocabulário da Misericórdia – <i>hahamim</i>	13
1.4. Séculos de Misericórdia.....	14
1.5. Na espiritualidade do Coração de Jesus.....	15
1.6. Em Santa Faustina.....	20
2. A Urgência da Misericórdia segundo João Paulo II e o Papa Francisco com a perspectiva do Cardeal Walter Kasper	
<i>Em João Paulo II</i>	24
2.1 A Misericórdia como sinal de Esperança.....	27
2.2 A Misericórdia como estilo de vida	28
2.3 Ethos Evangélico	59
2.4 Essência da Misericórdia Divina	32
2.5 <i>Mater Misericordiae</i>	35
<i>Em Papa Francisco</i>	37
2.6 A misericórdia como fonte de alegria.....	40
2.7 A misericórdia não é uma idéia abstrata.....	41
2.8 Chamados para uma Pastoral da Misericórdia.....	43
<i>Em Walter Kasper</i>	44
2.9 A Misericórdia como atributo Divino	48
2.10 A Misericórdia como acolhimento da vontade de Deus	50
2.11 A Relação entre Misericórdia e Justiça	52
3. A Misericórdia	
Nos movimentos de renovação espiritual como o	
«Movimento da Aliança de Misericórdia»	55
3.1 Dimensão antropológica do “Movimento da misericórdia”	56
3.2 A vontade salvífica Universal de Deus.....	57
3.3 A Misericórdia como Dom de ser Filho	62

3.4 A Misericórdia como Ação de Deus para o Homem	64
3.5 Um olhar sobre Maria, o rosto Materno da Misericórdia.....	67
Conclusão	68
Bibliografia	70

Introdução

O Percorso Histórico da Misericórdia

O tema da Misericórdia divina ocupou um lugar de destaque no magistério de João Paulo II, e muito recentemente foi objeto de um denso estudo pelo cardeal Walter Kasper, espelhando a atenção e o interesse da teologia contemporânea sobre esta problemática. Tanto em João Paulo II como em W.Kasper, a dimensão da misericórdia situa-se na continuidade com a espiritualidade do Coração de Jesus, na linha de Santa Margarida Alacquoque, no séc. XVII, por um lado, e, por outro, com a espiritualidade da misericórdia que teve em Santa Faustina Kowalska um grande aprofundamento, que influenciou João Paulo II. Além disso, movimentos relativamente recentes têm surgido, tendo na «misericórdia» uma referência privilegiada, como é o caso do Movimento Aliança de Misericórdia.

O nosso estudo tem como objectivo o aprofundamento da «misericórdia» como atributo divino e organiza-se em três momentos: no primeiro momento, vamos estudar precedentes da espiritualidade da misericórdia; no segundo momento, apresentamos os contributos de João Paulo II e de W. Kasper; e, no terceiro momento, abordamos as «implicações» deste tema para a teologia e a espiritualidade.

Assim no primeiro capítulo apresentamos a origem e o desenvolvimento histórico deste tema, no qual nos situamos na espiritualidade do Coração de Jesus, na linha de Santa Margarida Alacquoque, no séc. XVII, e posteriormente em Santa Faustina Kowalska, no século XX, em que a espiritualidade da misericórdia ganha maior notoriedade e conteúdo, influenciando muitos pensadores como João Paulo II e movimentos de renovação Espiritual como a Comunidade Aliança de Misericórdia.

Partindo daquilo que chamamos “ Raízes da Misericórdia”, percebemos a evolução deste ao longo dos séculos, uma vez que com Santa Margarida Alacquoque temos que à devoção ao Sagrado Coração de Jesus tem por fim oferecer a Deus um culto de desagravo¹, em Santa Faustina Kowalska expressa-se a confiança caracterizada como uma atitude de vida abandonada em Deus pelo carisma

¹PIUS PP.XII, *Litterae Encyclicae «Haurietis Aquas »*, in AAS 48 (1956),Vol.XXIII,p. 309-353. n°20.

de aproximação ao Mistério da Misericórdia divina pela acção, pela palavra e oração². E por fim, vemos nos movimentos de Renovação Espiritual, a Misericórdia entendida como ação de Deus, que toca e cura o coração ferido do homem mas que também o convida a agir com Misericórdia, vivendo assim as “ obras de Misericórdia corporais e espirituais”, porque nos abre cada um à necessidade do outro.³

No segundo capítulo, apresenta-se um desenvolvimento analítico sobre este tema, baseado no magistério de João Paulo II (que revela a Misericórdia Divina com carácter experiencial, numa perspectiva de Misericórdia como acolhimento, apontando para a dimensão do Deus que se fez homem, do Deus que desce ao encontro do pecador) e no cardeal Walter Kasper (nos revela a Misericórdia, com uma mensagem comprometedora, sendo um Dom de Deus mas também uma tarefa para os homens e ainda considera a misericórdia como núcleo e síntese da revelação bíblica sobre Deus).

Na Teologia de João Paulo II, a Misericórdia é manifesta em Jesus sobretudo com o seu estilo de vida e com as suas ações, sendo um amor operante, amor que se dirige ao homem e abraça tudo quanto constitui a sua humanidade⁴, em que o homem e a sua vocação suprema desvendam-se em Cristo, mediante a revelação do mistério do Pai e do seu amor.

Na perspectiva do cardeal Kasper, a misericórdia é entendida como principal atributo divino de Deus, como primeiro lugar na autorrevelação de Deus na história da salvação, a primeira instância⁵, sendo assim um Deus que se faz próximo, que permanece connosco, é um Deus com os homens.

O terceiro capítulo refere a misericórdia como ação, ou seja, aborda-se de modo específico o Movimento da Misericórdia em concreto, como ele acontece, quais suas implicações, qual sua

²KOWALSKA Faustina, *Diário, A misericórdia na minha alma*. Ed.Fatima -Marianos da Imaculada Conceição, Fátima, 2003, nº 1105.

³ ESTATUTOS DA COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, n.9.

⁴ IOANNES PAULUS PP.II, *Litterae Encyclicae « Dives in Misericordia»*, in AAS (1980) 1177-1231, nº3.

⁵Cf. WALTER KASPER, *La misericordia, clave del evangelio y de la vida cristiana*, Ed.SalTerraed.4ªed.Cantabria, 2012, p. 92.

espiritualidade. Sendo este um movimento antropológico enraizado nas grandes questões humanas, tais como: sofrimento, reconciliação, acolhimento. No qual aponta sempre para o relacionamento com Deus, este Deus que acolhe, que ama, que perdoa mas que também educa, corrige e é Justiça.

Nesta antropologia, a misericórdia expressa nos atos de Cristo é um Sim a tudo aquilo que proporciona ao homem a possibilidade da Salvação, justificando que a misericórdia de Deus funciona como uma graça motivadora, que leva a pessoa a viver os gestos de misericórdia na sua vida, vivendo desta forma uma tentativa de Imitar a Cristo, com disposições semelhantes às de Deus. Sendo este agir cristão, um agir segundo uma resposta à ação primeira de Deus para com o homem, ou seja é Vontade de Deus a salvação do homem logo o homem na sua liberdade deseja responder a esta vontade salvífica configurando a sua vida à vida de Cristo.⁶

⁶ Cf. BALTHASAR, HANS URS VON, *Só o amor é digno de fé*, Ed. Assírio e Alvim, Lisboa 2008, p. 98.

1º Capítulo

Raízes da Teologia da Misericórdia

A misericórdia foi um tema fundamental para o século XX, no qual os próprios papas, em particular aqueles da segunda metade deste século, reconheceram com clareza os sinais dos tempos e exortaram o mundo a perguntar-se sobre qual o lugar da misericórdia, tornando-se central do anúncio eclesial.

Temos em João Paulo II um grande expoente significativo sobre a Misericórdia Divina, sendo este o tema condutor de seu pontificado, escrevendo a sua segunda encíclica chamada *Dives in Misericordia* em 1983⁷, totalmente voltada para essa questão, afirmando que a justiça por si⁸ [não basta, pois a suma justiça pode também ser a suma injustiça]. E facto importante se refere à primeira canonização do 3º Milénio, ou seja declarar santa no dia 30 de abril de 2000 a mística polaca Faustina Kowalska, que foi uma forte influência para Karol Wojtyla e para muitos movimentos posteriores que derivam das experiências e escritos desta santa.

Influência tamanha que seguindo uma intuição de santa Faustina, o papa João Paulo II declara o segundo domingo da Páscoa, como o domingo branco, como o domingo da «Divina Misericórdia», apontando a Misericórdia como resposta aos sinais dos tempos.

1.1 O Vocabulário da Misericórdia – *hesed e hahamim*

Para definirmos o conceito de Misericórdia, temos como fonte primária e fundamental a Sagrada Escritura, na qual surgem expressões com origem no hebraico, que designam a compreensão

⁷ IOANNES PAULUS PP.II, *Litterae Encyclicae « Dives in Misericordia»*, in AAS 72 (1980) 1177-1231.

⁸ WALTER KASPER, *La misericordia, clave del evangelio y de la vida cristiana*, Ed.SalTerra.4ªed.Cantabria 2012, p. 14.

de misericórdia, tais como: o verbo *hãnam* (manifestação de uma graça através de uma súplica), o termo *hus* (exprime piedade e compaixão) e temos ainda o vocábulo *emet* (significa segurança, estar seguro de).

Diante desses termos hebraicos que representam o sentido de misericórdia, vamos fazer uma aproximação dos 2 principais vocábulos usados para representar o amor misericordioso de Deus, que são: *Hesed* (fidelidade que Deus Manifesta ao próprio amor para com o povo) e por fim o termo *Hahamim* (identificação da misericórdia divina com o amor materno).⁹

O termo bíblico *hesed* indica que em todo o desenvolvimento da Sagrada Escritura, Deus se inclina face ao homem para que ele seja capaz de compreender a palavra de salvação que lhe foi destinada. A misericórdia é a ação amorosa de Deus que trata os homens como filhos, que não o julga de acordo com seus erros, mas que permite que primeiro o pecador sinta-se amado e acolhido e deste modo naturalmente desperte o desejo de arrependimento de conversão, está seria a justiça divina, não vingativa mas misericordiosa.

Se trata de uma qualidade transcendental, que não espera nada em troca, ou seja, a misericórdia enquanto *hesed* e *hahamim* se configura como gratuidade infinita, é Deus que através de seu Filho Jesus e continuado no tempo pela pessoa do sacerdote que *age in persona Christi* por meio do sacramento da reconciliação, que revela esta dimensão do amor impressível e qua sempre gera uma boa surpresa naqueles que se deixam tocar por este *ágape* divino, como canta o Salmista “ porque eterna é a sua Misericórdia” (Sal.36).¹⁰

⁹ *DICIONÁRIO BÍBLICO*, Organização de JOHN MCKENZIE, p. 614

¹⁰ SILVANO,F.,*Una comunità legge il Vangelo di Luca*,p. 225.

1.2 O Vocabulário da Misericórdia – *hesed*

«Minha alma engradece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor. Seu nome é Santo e sua Misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. Agiu com a força de Seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs os poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu os ricos de mãos vazias. Socorreu a Israel seu servo, lembrado de sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre» (Lc. 1,46-55)¹¹

No cântico de Maria, o *Magnificat*, temos a ilustração da Misericórdia, traduzida por *hesed* (fidelidade que Deus manifesta ao próprio amor para com o povo), sendo este o nome pelo qual Deus será conhecido pelas gerações, em outras palavras diríamos que Misericórdia é o nome de Deus.

O termo *hesed*, revela a essência de Deus, o amor que diante de seu filho não pode deixar de amar, que não deixa de amar mesmo quando o filho amado está sob o domínio do mal¹², porque o amor de Deus é pura compaixão pela vida do homem, *hesed* significa uma Vontade de salvação de Deus que supera a justiça atributiva, ou seja, vai além da relação viril do “olho por olho e dente por dente”, que podemos ver em textos veterotestamentários como por exemplo em Êxodo 21,24-13.

O uso deste termo, de forma particular nos textos neotestamentários, realça a disponibilidade de Deus, por meio de Cristo, de unir-se aos pecadores, para como eles entrar no Reino de Deus, temos

¹¹ *BÍBLIA DE JERUSÁLEM*, EDITORA PAULUS SÃO PAULO 2004.

¹² A expressão sob domínio do mal, deve aqui ser entendida como sendo a prisão que o pecado gera no pecador, que o pode levar a morte, o rompimento da alma com Deus. A Misericórdia de Deus atua sobre o homem, fazendo com que se arrependa, mesmo se for nos últimos instantes da vida, em que somente Deus é capaz de conhecer o que se passa no íntimo de cada pessoa.

¹³ *DICIONÁRIO BÍBLICO*. Org. JOHN MCKENZIE, p. 617.

assim o contraste da sabedoria humana (que condena pelos atos, pagar pelo que deve), com a sabedoria divina (a qual, como canta o salmista, cf. Sl.103, Deus não nos julga conforme os nossos pecados), temos assim uma vontade salvífica anterior a qualquer vontade ou mérito humano, em outras palavras, o *hesed* divino é a antecipação de Deus em prol da salvação do homem, Deus antes de ser fiel ao homem é fiel a si próprio, à sua natureza.

Sendo sempre relacionado com a fidelidade de Deus para com o compromisso da aliança que fez com seu povo, é correto afirmar que o termo *hesed* significa a atitude de graça e amor para com o seu povo, uma atitude de bondade, que não tem em conta se é correspondido pelo amado, pois como falamos, existe uma evolução no entendimento de misericórdia, como superior à justiça, pois é evidente que a ação de Deus exclui um caráter jurídico, para tornar manifesto o amor que é gratuito, um amor que é mais forte que a traição, que a Infidelidade do seu povo e por fim um amor que é mais forte que o pecado.¹⁴

1.3 O Vocabulário da Misericórdia – *hahamim*

«Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o vosso povo, e suscitou-nos uma força de salvação na casa de David, seu servo. Como prometera desde tempos remotos pela boca de seus santos profetas, salvação que nos liberta dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para fazer misericórdia com nossos pais, lembrado de sua aliança sagrada, do juramento que fez ao nosso pai Abraão, de nos conceder que – sem temor, libertos da mão dos nossos inimigos- nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias. Ora, tu também menino, serás chamado profeta do Altíssimo; pois irás à frente do Senhor, para preparar-lhe os caminhos, para transmitir ao seu povo o conhecimento da salvação, pela remissão dos

¹⁴ SILVANO,F.,*Una comunità legge il Vangelo di Luca*,p. 36.

pecados. Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das alturas, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, para guiar nossos passos no caminho da Paz.» (Lc. 1, 67-79)

Pela boca de Zacarias, ao evocar o coração misericordioso de Deus, temos o termo *hahamim* colocado em destaque, o termo que identifica a misericórdia divina com o amor materno, cuja tradução latina aponta para a expressão *viscera misericordiae*¹⁵, um amor de entranhas, seria o Amor entranhado e ou visceral de Deus por cada pessoa em concreto.

Deste amor pode-se dizer que é totalmente gratuito, sendo um «movimento natural e necessário do coração de Deus», amar até doer e até se entregar, é uma exigência do ser de Deus, que vai de encontro com o sentido desta palavra, que pela própria raiz denota o amor de mãe.

Pelo perdão podemos conhecer e sermos “vítimas” desse amor visceral de Deus, um amor materno e uterino, que não pode não amar senão com amor eterno, entendemos que com o termo *hahamim*, damos características afetivas para Deus. Podemos dizer que temos o termo *hesed* numa dimensão masculina e o termo *hahamim* numa dimensão feminina, uma vez que este último destaca um envolvimento de caráter mais afetivo e emocional de Deus para com seu povo, estamos diretamente ligados com o chamado *patos Divino*, ou seja, a paixão de Jesus, a compreensão de Deus que sofre e que portanto se faz próximo e que por meio de Cristo se configura na realidade humana.¹⁶

Estas atribuições feitas a Deus, em muitos casos derivadas do Antigo Testamento como em Isaías 49,15, revelam um amor fiel e invencível graças à força misericordiosa da maternidade, uma vez que não é nosso interesse afirmar aqui uma dimensão feminina de Deus, no que se refere a género como mas a modo de ilustração, temos que o amor materno seria o mais próximo, poderíamos chegar

¹⁵ *DICIONÁRIO DE LATIM*, Ed. Porto, 3ª edição 2008. Vol 3, p. 418.

¹⁶ *DICIONÁRIO BÍBLICO*. Org. JOHN MCKENZIE, p. 617.

à comparação teológica com o amor de Deus, sendo sempre limitada toda e qualquer tentativa de especulação de como é e de que forma é o amor de Deus.¹⁷

Nesta compreensão da misericórdia como *hahamim*, um amor que perdoa e cura as feridas mais profundas do coração do homem, temos que o sacramento da reconciliação exprime de modo particular esta relação de amor e perdão que Deus estabelece com o pecador arrependido. Neste sacramento torna evidente o desejo de conversão da parte do penitente, e uma vez perdoado por Deus é capaz de retornar a comunidade cristã e recomeçar sua caminhada de fé, dizemos em outras palavras que a dimensão *hahamim* da misericórdia reestabelece a dignidade perdida pelo pecado e abre novos horizontes para aquele que foi perdoado, sendo que o perdão dos pecados faz emergir uma nova visão de mundo, abre novas perspectivas de vida, pois a reconciliação com Deus é um gesto libertador e motivador.

Para que aconteça uma conversão verdadeira a Deus é necessário que confiemos que Ele cuida de nós, que Ele sabe aquilo que precisamos e ainda ter a certeza que Deus está presente e se faz sentir em nossos dias, neste sentido devemos ter a devida atenção de não confundir a misericórdia como um amor que tudo aceita. Sabemos e afirmamos que Deus tudo perdoa – *hahamim* – mas não quer dizer que Deus se torna passivo a tudo de errado que o homem decide fazer, logo é válido salientar que o mesmo amor que perdoa é o amor que corrige, enfim a misericórdia de Deus não pode servir de justificativa para as escolhas erradas, sendo exortada toda afirmação relativista do tipo “ posso fazer tudo que quero, afinal Deus é misericórdia e perdoa tudo”. Frases como estas estão na direção contrária daquilo que a Igreja Católica entende sobre a misericórdia de Deus.

Por fim temos diante de nós, um Deus que age com um amor, que é incansável, é infinito, é belo e é transformador. Ao contemplarmos as dimensões da misericórdia de Deus como *hesed* e

¹⁷ SILVANO,F.,*Una comunità legge il Vangelo di Luca*,p. 45.

hahamim temos a certeza que Deus é ainda muito mais do que aquilo que podemos pensar e dizer sobre Ele.

1.4 Séculos de Misericórdia

A questão da misericórdia conjuga-se diretamente com a dimensão da redenção de Cristo na Cruz, ao tocarmos neste assunto estamos trazendo para a reflexão a grande problemática do pecado e da liberdade humana. Sendo estes assuntos desde sempre de interesse da Igreja Católica, desde de as origens do cristianismo se coloca em debate se a Salvação oferecida por Cristo era para todos ou para muitos, e sobre isso o Concílio de Trento, datado entre 13 de Dezembro 1545 a 4 de Dezembro de 1563, em sua 6ª Sessão, no Capítulo III, já afirmava:

“Verum etsi ille “ pro omnibus est”(2Cor 5,15), nom omnes tamen mortis eius beneficium recipiunt, sed ii dumtaxat, quibus meritum passionis eius communicatur. Nam sicut revera homines, nisi ex semine Adae propagati nascerentur, nom nascerentur iniusti, cum ea propagatione per ipsum, dum concipiuntur, propriam iniustiam contrahant: ita nisi Christo renascerentur, numquam iustificarentur, cum ea renascentiaper meritum passionis eius gratia, qua iusti fiunt, illis tribatur. Pro hoc beneficio Apostolus gratias nos semper agere hortatus Patri, “ qui dignos nos fecit in partem sortis sanctorum in lumine, et eripuit de potestate tenebrarum, transtulitque in regnum Filii dilectionis suae, in quo habemus redemptionem et remissionem peccatorum”¹⁸

¹⁸ HUNERMANN DENZINGER., *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações da fé e moral – «Concílio de Trento (19º ecumênico)»*, p. 401. (São Paulo, Ed. Paulinas 2007).

Segue a tradução do Texto Original acima Referenciado: “ Ora se bem que Ele tenha morrido por todos (2 Cor 5,15), contudo não todos recebem o benefício da sua morte, mas somente aqueles a quem é comunicado o mérito da sua paixão. Pois, como os homens, com efeito, se não nascessem da propagação do semem de Adão não nasceriam injustos, porque por causa dessa propagação, so serem concebidos, contraem a própria injustiça: assim se não renascem em Cristo não poderiam jamais ser justificados, porque com aquele renascimento, pelo mérito da sua paixão, lhes é dada a graça que os

Desta forma, iluminados pelo sagrado concílio, temos uma compreensão primeira de que a salvação é oferecida para todos, mas que nem todos acolhem esta proposta, ou seja, estamos diante do axioma da Salvação *per totum populum-per multum populum*. Para aqueles que não acolhem a mensagem salvífica de Jesus por sua vez a Igreja não deixa de orar e de interceder por estes que não aderem ao mistério do amor de Deus.

Podemos assim perceber que Deus quer que todos sem exceção sejam salvos, sem qualquer tipo de exclusão de pessoas da parte de Deus, por meio de Cristo torna-se evidente que Deus não quer que ninguém se perca, pois todos os homens são chamados, pela graça divina à Salvação, existe em Deus uma vontade universal de salvação, que se manifesta de forma visível na vida de Cristo.

Este desígnio de misericórdia, do Deus que quer salvar a todos, é uma das mais antigas definições de misericórdia que temos, o que nos é comprovado pelo texto do Papa Leão IV, por ocasião do Sínodo de Quiercy (maio de 853), que rebateu uma doutrina errada surgida na época, que falava sobre a dupla predestinação, o texto diz: “*Deus omnipotens “ omnes homines ” sine expectione “vultus salvos fieri” (1Tm2,4), licet nom omnes salventur. Quod autem quidam salvantur, salvantis est donum: quod autem quidam pereunt, pereuntium est meritum.*”¹⁹

O conceito de misericórdia divina vai adquirindo significados, passando a ser compreendido como uma graça libertadora de tudo aquilo que oprime o homem, como o pecado, o mal e despertando no coração do homem um alegria de reconhecer a Deus e de ser reconhecido por Ele. Sendo que este entendimento se dá por meio da Igreja, onde o dom da graça deve chegar aos homens a fim de que os pecadores se convertam e façam um encontro pessoal com Deus, a isto a chamamos de «Igreja

torna justos. Por este benefício o Apóstolo nos exorta sempre a dar graças ao Pai, que “ nos tornou dignos de participar da sorte dos santos na luz, nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção e a remissão dos pecados (Cl1, 12-14) “

¹⁹ HUNERMANN DENZINGER., *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações da fé e moral – «Leão IV – Sínodo de Quiercy»*, p. 225. (São Paulo, Ed. Paulinas 2007).

Segue a tradução do Texto original acima referenciado: “ Deus onipotente “ quer que todos os homens” sem exceção “ se tornem salvos” (1Tm. 2,4), embora nem todos sejam salvos. Que alguns sejam salvos é dom daquele que salva, que alguns ao contrário se percam é culpa dos que se perdem”

sacramento de salvação», como vemos em alguns documentos da Igreja, de forma mais recente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (nº1) que afirma que a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano.

A Igreja Católica aparece como mediadora de salvação e remissão de todos os pecados, uma vez que Deus quis que em Cristo o pecado fosse vencido e que sua obra de misericórdia se prolongasse pelos séculos, confere o poder para Igreja de perdoar todos os pecados pela pessoa do sacerdote, ou seja, Deus perdoa os pecados por meio de Jesus Cristo e pelo ministério da Santa Igreja, tal qual afirmará o Papa Gregório X por ocasião do II Concílio de Lião, que debateu uma objeção que foi repetida pelos orientais no qual dizia que a Igreja romana estaria ensinando que o Pai e o Filho seriam dois diversos princípios do Espírito Santo, assim sendo em sua 4ª Sessão declara:

*“Credimus sanctam catholicam et apostolicam unam esse veram Ecclesiam, in qua unum datur sanctum baptismum et vera omnium remissio peccatorum. Credimus etiam veram resurrectionem huius carnis, quam nunc gestamus, et vitam aeternam. Credimus etiam Novi et Veteris Testamenti, Legis, ac Prophetarum ac Apostolorum, unum esse auctorem Deum ac Dominum omnipotentem.”*²⁰

Poderíamos contemplar que desde sempre a questão da misericórdia divina esteve em causa, percorrendo o caminho da história da Igreja, com os debates e conflitos doutrinários ao longo dos vários concílios, ainda em primeira instância através dos ensinamentos deixados por Cristo, e posteriormente a tradição da nossa fé, que nos apresenta muitos homens e mulheres que ao longo dos

²⁰ HUNERMANN DENZINGER., *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações da fé e moral – «Gregório X – II Concílio de Lião»*, p. 302. (São Paulo, Ed. Paulinas 2007).

Segue a tradução do Texto original acima referenciado: “ Nós cremos que há uma só verdadeira Igreja, santa, católica e apostólica, na qual é administrado um único santo batismo e a verdadeira remissão de todos os pecados. Cremos também na verdadeira ressurreição desta mesma carne que agora possuímos e na vida eterna. Cremos também que o Deus e Senhor onipotente é o único autor do Novo e do Antigo Testamento, da Lei, dos Profetas e dos Apóstolos.”

tempo se dedicaram ao serviço de Deus, na vivência desta face de Cristo, entre muitos outros santos pode-se referir alguns exemplos, tais como: Santa Gertrudes (1256-1302) que foi uma monja beneditina que através da sua experiência mística introduz a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, como a consoladora do lado aberto de Jesus; Santa Isabel da Hungria (1207-1231) que apesar de ser família rica buscou no serviço aos pobres a sua riqueza; São João de Deus (1495-1550) que buscava em cada pessoa encontrar o rosto sofredor de Cristo; ou ainda, Santa Teresa de Calcutá (1910-1997) que desejava levar a misericórdia para os últimos dos últimos.

1.5 Na espiritualidade do Coração de Jesus

A Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, adquire uma nova perspectiva na França em meados do século XVII, onde nosso Senhor Jesus manifestou a uma virgem humilde, o desejo de que o seu Coração fosse honrado e venerado pelos homens.

«Desta vez ainda para reanimar a fé e a piedade, escolheu Deus uma mulher, uma virgem: decididamente não quer outros agentes extraordinários de seu amor! Preparou-a com arte divina para esta grande missão; e depois que seu coração se tornou semelhante ao de um anjo, um dia que ela estava arrebatada em extasis, imóvel, recolhida, com os braços cruzados e o rosto levemente iluminado como de um fogo interior, uma luz celeste, que só ela via, se ergueu do altar, e enxergou por entre a grade a adorável pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quando se atreveu a levantar para ele os olhos húmidos de lágrimas, apareceu-lhe o peito do Salvador todo resplandecente: neste fogo via-se o coração de Jesus Cristo brilhar como um Sol; e ouviu uma voz que lhe dizia: Eis o coração que tanto amor tem aos homens que chega a consumir-se d'amor por elles... Varias vezes se repetiu a mesma visão, em que todos os adoráveis desígnios de Deus lhe foram revelados. Viu as chagas das almas e da sociedade curarem-se pouco

a pouco ao contacto d'este Coração divino, e a Igreja, reanimada aos raios d'este braseiro d'amor, prosseguir em sua marcha triunphante e benéfica através do mundo.»²¹

Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690, Verosvres, na Borgonha) com o seu ardente zelo revestido das características do amor e da reparação, conseguiu que este culto ganhasse notoriedade, e, mediante manifestação tão excepcional, Jesus Cristo expressamente e repetidas vezes, indicou o seu coração como símbolo com que estimular os homens ao conhecimento e à estima do seu amor; e ao mesmo tempo constituiu-o sinal e penhor de misericórdia e de graça para as necessidades da Igreja nos tempos modernos. No qual, o centro da mensagem se referia ao Coração de Jesus que tem amado os homens a ponto de nada poupar até exaurir-se e consumir-se para demonstrar-lhes o seu amor.²²

Sendo posteriormente aprovada a festa litúrgica pela Sé Apostólica precedido a aprovação dos escritos de Santa Margarida Maria, por decreto de 25 de janeiro de 1765 pelo papa Clemente XIII, sendo neste primeiro momento celebrado como Festa de caráter particular na Polónia e um século depois, a Sagrada Congregação dos Ritos de 23 de agosto de 1856, estendeu a toda a Igreja a festa do coração sacratíssimo de Jesus, e prescreveu a sua celebração litúrgica.

O contexto dessas revelações situa-se no ano de 1647, num momento em que a França acaba de superar um grande confronto doutrinário, com incidências em afrontamentos militares, contra o cisma e a heresia face a algumas correntes do protestantismo que faziam três afirmações. Sendo a primeira afirmação que Jesus Cristo não incarnou por todos os homens, donde Jesus ter sofrido e morrido por amor *de alguns*; a segunda seria a noção de misericórdia como Amor limitado, que não

²¹ EMILE BOUGAUD, *História da Beata Margarida Maria*, Trad. José Joaquim Nunes. Ed.Porto 1970, p. XX – XXI.

²² PRÉVOT ANDRÉ, *Amor, Paz e Alegria*. Ed.Cultor de Livros, São Paulo 2012, p. 29.

perdoa os pecados e nem redime as culpas; e, por fim, a terceira heresia seria declarar que Nosso Senhor Jesus Cristo não habitava entre nós no Santíssimo Sacramento.

Diante disso os meios católicos sentiam dificuldades na relação com o protestantismo da época, sentindo-se feridos em suas instituições religiosas, por fim, estas doutrinas acima mencionadas, foram consideradas como “ Assaltantes da Dignidade Religiosa Francesa”. Diante disso a França católica ficou pesarosa ao pensar no que poderia acontecer e fortaleceu ainda mais a velha e santa Religião Católica ao passo que é reconhecida como primogénita das nações católicas.²³ Portanto, esta dimensão religiosa e devocional teve as suas implicações eclesiais e políticas.

As revelações do Sagrado Coração de Jesus deram-se em três momentos, com um intervalo de tempo entre elas, sendo a primeira a 27 de dezembro de 1673, quando a irmã Margarida Maria tinha 27 anos e apenas um ano de professa, a segunda aconteceu no ano seguinte, 1674 e a terceira entre os dias 13 e 20 de junho de 1675.

O culto ao Sacratíssimo Coração de Jesus é o culto ao amor com que Deus nos ama por meio de Jesus Cristo, e, ao mesmo tempo, o exercício do amor que nos leva a Deus e aos outros homens, e tem por fim a perfeição do nosso amor a Deus e aos homens.

Esta devoção é ainda entendida sob a luz da misericórdia, porque, não sendo possível ao homem satisfazer-se pelo pecado, que manchava toda a natureza humana, deu-lhe Deus um reparador na pessoa de seu Filho. Ora, isto foi da parte de Deus, o gesto mais generoso da sua misericórdia, do que perdoar os pecados sem exigir qualquer satisfação.

A primeira revelação diz-nos que a nova devoção era um esforço maior do Coração de Jesus, querendo a todo custo tirar o homem do abismo do pecado. Começava, por assim dizer, a abrir o Coração trespassado de Nosso Senhor, querendo mostrar seus desígnios de amor e salvação, expondo

²³ BOUGAUD,E., *História da Beata Margarida Maria*, p. 5.

seus segredos que até então eram reservados, de modo que a humanidade pecadora encontrasse refúgio no seu Sagrado Coração, o qual ninguém excluía.

«É tão grande o amor aos homens, em que o meu divino Coração está abrasado que, não podendo por mais tempo conter as chamas de tal ardente caridade, necessita que tu as espalhes e lh'o reveles para que a enriqueçam com seus preciosos tesouros, que encerram as graças que só poderão tirar do abismo da perdição»²⁴ (breve excerto da 1ª Revelação).

Na segunda revelação, é dado o caráter desta devoção, que seria a expiação dos crimes do mundo, uma consolação ao seu Coração desamparado, convidando as almas piedosas a irem aos altares para assim orarem pelos pecadores, orar por aqueles que não oram, amar Cristo por aqueles que não o Amam e ainda o profanam. Nesta segunda mensagem destaca-se o aumento do zelo pela Igreja e pela Oração, não apenas uma oração voltada para si, a nível intimista mas que seja uma oração orientada para Fora, para o outro, que seja uma oração de Reparação, *oratio ad mundi*.

«É isto o que me custa muito mais do que sofri em minha Paixão. Se ao menos eles me pagassem com algum amor, teria por pouco o que fiz por eles e desejaria, se pudesse, fazer muito mais, mas se me testemunham frieza e desprezo pelos meus desvelos! Tu ao menos, dá-me a consolação de suprires, quanto te for possível, a sua ingratidão.»²⁵ (breve excerto da 2ª Revelação)

A terceira revelação, situa-se em junho de 1675, nas oitavas do Corpo de Deus, quando a irmã Margarida Maria se encontrava recolhida em oração, o Nosso Senhor lhe aparece sobre o altar e mostra-lhe o seu Divino Coração, e lhe fala:

²⁴ BOUGAUD,E., *História da Beata Margarida Maria*, p. 207.

²⁵ BOUGAUD,E., *História da Beata Margarida Maria*, p. 213.

«Eis o coração que tanto ama os homens, que a nada se poupa para lhes provar o seu amor até esgotar-se e consumir-se; e em paga só recebo da maior parte d'elles ingratidões, irreverencias, sacrilégios e indiferenças, que tem para comigo no sacramento do meu amor. E o que muito mais me custa, acrescentou o Salvador, com um acento que corta o coração da Beata, é sofrer isto de corações que me são consagrados»²⁶ (breve excerto da 3ª Revelação).

Nesta mensagem, é pedido que se estabeleça na Igreja uma festa particular em honra de seu Divino Coração, sendo celebrada na primeira sexta-feira após a oitava do Corpo de Deus, no qual os fiéis deveriam comungar e fazer reparação aos desacatos com que Jesus é ofendido.²⁷

Sendo assim, a Igreja tributa ao coração do divino Redentor o culto de latria, funda-se no fato de, sendo o seu coração parte nobilíssima da natureza humana, estar unido hipostaticamente à pessoa do Verbo de Deus, e, portanto, dever-se-lhe tributar o mesmo culto de adoração com que a Igreja honra a pessoa do próprio Filho de Deus encarnado o seu coração é o índice natural ou o símbolo da sua imensa caridade para com o gênero humano. Sendo a caridade divina para conosco – razão principal deste culto.

O mistério da divina redenção é, antes de tudo e pela sua própria natureza, um mistério de amor: isto é, um mistério de amor justo da parte de Cristo para com seu Pai celeste, é um mistério de amor misericordioso da Trindade e do divino Redentor para com a humanidade inteira.

«O divino Redentor foi, sem dúvida, o autor daquela maravilhosa reconciliação entre a divina justiça e a divina misericórdia»²⁸

²⁶ BOUGAUD, E., *História da Beata Margarida Maria*, p. 222.

²⁷ PRÉVOT, A., *Amor, Paz e Alegria*, p. 38.

²⁸ PII PP. XII., *Litterae Encyclicae «Enciclica Haurietis Aquas»*, in AAS 48 (1956), nº20.

Esta última revelação, é a de todas a mais importante pois abrange com maior clareza tudo quanto diz respeito à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, ou seja, ao seu princípio, que é o excessivo amor de Deus que manifesta um desejo de vencer o mal, no caso citado o pecado, também se refere ao seu fim, que é oferecer a Deus um culto de desagravo, reparação e consolação e por fim o seu caráter que é ser um culto público no qual as suas graças serão o derramento do Amor divino na Igreja e em especial na almas que a propagarem.

O coração do nosso Salvador reflete de certo modo a imagem da pessoa divina do Verbo, e, igualmente, das suas duas naturezas: humana e divina; adoramos o amor incriado do Verbo divino como seu amor humano: «Cristo amou a sua Igreja e sacrificou-se por ela para santificá-la, lavando-a no batismo de água com a palavra de vida, a fim de fazê-la comparecer perante si cheia de glória, sem mancha, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e imaculada» (*Ef. 5, 25-27*).

1.6 Na espiritualidade de Santa Faustina

Conhecida como «Apostola da Misericórdia», Santa Faustina Kowalska, canonizada no ano jubilar de 2000, pelo então papa João Paulo II, a Irmã Faustina desde a sua infância distinguiu-se pela piedade, pelo amor à oração, pela obediência e por uma grande sensibilidade às misérias humanas, sentindo o seu chamamento aos sete anos de idade.

Entrou no convento a 1 de agosto de 1925, no Convento da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia, em Varsóvia, recebendo o nome de Ir. Maria Faustina.

A profundidade da sua vida espiritual está patente no Diário, no qual estão descritas as grandes revelações de Nosso Senhor a Santa Faustina, que lhe concedeu, o dom da contemplação, o profundo conhecimento do mistério da Misericórdia de Deus, as visões, as aspirações entre outros, os quais ela

mesmo afirma na seguinte citação: «A minha santidade e perfeição consistem na estreita união da minha vontade com A de Deus»²⁹.

Depois do primeiro ano de noviciado vieram as dolorosas experiências místicas e a seguir os sofrimentos espirituais e morais ligados à missão que lhe fora confiada por Nosso Senhor. Nos últimos anos de vida aumentaram os tormentos interiores da dita noite escura e os padecimentos do seu organismo acabaram por desenvolver uma tuberculose que lhe atacou os pulmões e os intestinos. Acabou por falecer em fama de santidade a 5 de outubro de 1938, com apenas 33 anos de vida e 13 anos de vida consagrada, num processo de transfiguração da dor carnal em oblação crística.

Na base da sua espiritualidade está o amor misericordioso, que tem como eco desta espiritualidade os escritos do seu Diário que aludem à Bondade de Deus, ao Mistério da Encarnação, sendo tudo envolvido neste Amor de Deus³⁰ que se revela em Bondade para com os Homens. Assim a Ir. Faustina é conduzida a uma descoberta da presença de Deus na sua Alma.

Este conhecimento do Mistério da Misericórdia Divina despertou e desenvolveu nela uma confiança em Deus e também o desejo de imprimir este atributo divino em seu próprio coração e levar o agir misericordioso para com o próximo.³¹

«Minha filha – disse – se por teu intermédio peço aos homens a devoção à Minha Misericórdia, deves ser a primeira a distinguir-se pela tua confiança n’Ela. Espero de ti obras de misericórdia, que devem nascer do teu amor por Mim. Importa que [...] manifestes misericórdia sempre e em qualquer lugar [...] não te podes furtar a isto, tentando arranjar desculpas ou justificares-te».³²

²⁹ KOWALSKA Faustina, *Diário, A misericórdia na minha alma*. Ed. Fatima - Marianos da Imaculada Conceição, 2003. Fátima. nº 1107.

³⁰ JOÃO PAULO II, PAPA, *Memória e Identidade*. Ed. Bertrand, Lisboa 2005, p. 57.

³¹ COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, *O sonho de Deus*. Ed. Canção Nova. São Paulo 2010, p. 95.

³² KOWALSKA, F., *Diário*, nº 742.

Em Santa Faustina temos uma confiança que se caracteriza como uma atitude de vida abandonada em Deus, como daquele que se compromete no cumprimento da vontade divina inserta nos mandamentos, sendo definida como relação com Deus, a palavra misericórdia caracteriza a sua atitude para com o próximo, a fonte para o reconhecimento e a vivência da humana misericórdia é a Misericórdia de Deus.

A espiritualidade da Irmã Faustina caracteriza-se ainda pelo amor à Igreja como Mãe e Corpo Místico de Cristo, pelo carisma de aproximação ao Mistério da Misericórdia divina pela acção, pela palavra e oração, de modo especial junto das almas em risco de se perderem, poderíamos dizer que na escola da espiritualidade de Santa Faustina podemos conhecer o Mistério da Misericórdia de Deus.

Sendo assim em Santa Faustina encontramos algumas etapas fundamentais da vivência da misericórdia, sendo elas: aproximar e anunciar ao mundo a verdade revelada na Sagrada Escritura acerca do amor misericordioso de Deus por cada homem; Suplicar a Misericórdia divina para todo o mundo, nomeadamente pela prática de novas formas de culto à Misericórdia de Deus revelada por Jesus; Inspirar o movimento apostólico da Misericórdia Divina, que empreenda a divulgação e o pedido da Misericórdia de Deus para o Mundo, que se funda na filial confiança em Deus e que se exprime no cumprimento da Sua Vontade como atitude de misericórdia para com o próximo.

De acordo com o que vemos no seu Diário, tem em destaque a Imagem de Jesus Misericordioso, como descreve:

«Pinta uma imagem conforme a visão que te aparece, com a inscrição: Jesus eu confio em Vós (47)...Quero que essa imagem seja solenemente benzida no primeiro Domingo depois da Páscoa. Nesse Domingo deve ser a Festa da Misericórdia».³³

³³ KOWALSKA,F., *Diário*, nº 47.

A imagem representa Jesus Ressuscitado, que traz aos homens a paz pela remissão dos pecados, pelo preço da sua Paixão e Morte na Cruz, sendo os Raios do Sangue e da Água que brotam do coração, um memorial dos acontecimentos da Sexta-Feira Santa. Os dois Raios ainda representam os sacramentos e todas as graças do Espírito Santo, cujo símbolo bíblico é a água e também na Nova Aliança de Deus com o homem contraída no Sangue de Cristo.

Outro momento muito importante para o movimento da misericórdia em Santa Faustina dá-se entre os dias 13 e 14 de setembro de 1935, quando Nosso Senhor lhe dita a coroa da misericórdia, de modo que esta oração de propiciação aplacasse a Ira de Deus, de acordo com a citação do Diário:

«No dia seguinte de manhã, quando entrei na capela, ouvi estas palavras no meu íntimo:
- Sempre que entrares na capela, recita a oração que ontem te ensinei. Assim que a rezei, ouvi ainda na minha alma estas palavras: - Esta oração serve para aplacar a minha ira»³⁴

A partir dessa oração os fiéis podem esperar o cumprimento das promessas de Cristo, de modo especial, dizem respeito à hora da morte, à graça da conversão e ao passamento feliz. Receberão esta graça não só as pessoas que rezarem esta coroa, mas também os agonizantes diante de quem outros recitem essa fórmula.

O essencial do «culto da Misericórdia» é a atitude de confiança cristã para com Deus e o Amor ativo para com o próximo, sendo que a divulgação deste «culto» não exige necessariamente muitas palavras, mas sempre uma atitude cristã de fé, de confiança em Deus, um tornar-se cada vez mais misericordioso, no qual aponta como consequência a renovação da vida religiosa na Igreja, em espírito de confiança e de misericórdia.

«No dia seguinte mesmo no início da Santa Missa, vi Jesus numa indizível beleza. Disse
exigir que fosse essa Congregação fundada quanto antes. Tu viverás nela com as tuas

³⁴ KOWALSKA, F., *Diário*, nº 476.

companheiras. O meu Espírito será a Regra da vossa vida e esta vida deverá modelar-se pela minha, desde a manjedoura até à cruz da Minha Morte. Penetra nos meus mistérios e conhecerás o abismo da Misericórdia para com as criaturas e a Minha insondável Bondade, e proclamá-la-ás ao Mundo. Através da oração, serás medianeira entre a Terra e o Céu».³⁵

Constituirá uma família unida por Deus no mistério da Sua Misericórdia, no desejo de refletir aquele divino atributo no coração e também na atividade de cada um e para sua maior Glória em todas as almas, vivendo o ideal da confiança e da misericórdia e, pelo testemunho proclamar o inconcebível mistério da Misericórdia de Deus, implorando-A para o Mundo.

³⁵ KOWALSKA,F., *Diário*, nº 438.

2º Capítulo

«Misericórdia de Deus» em João Paulo II, no papa Francisco e em W.Kasper

2.1 – A Misericórdia como sinal de Esperança

A carta encíclica *Dives in Misericórdia* foi promulgada pelo papa João Paulo II em 30 de Novembro de 1980, sendo fruto das suas experiências pastorais na Polónia e especialmente em Cracóvia, no período anterior ao seu pontificado, ao qual também destacamos Santa Faustina Kowalska³⁶, que muito o influenciou. Por fim, é importante salientar que nesta altura, estamos diante de um momento em que o terrorismo e a violência se apoderam da humanidade, e assim a humanidade como que “clama por misericórdia”, desta forma o Santo Padre escreve a encíclica como uma resposta da Igreja ante todos estes acontecimentos.

«Recordo sobre este ponto a Santa Faustina e o culto de Cristo misericordioso que promoveu, porque também ela é pertence a nossos tempos. Viveu nas primeiras décadas do século XX e morreu antes da Segunda Guerra Mundial. Precisamente neste período foi revelado o mistério de Divina Misericórdia e anotou em seu Diário o que experimentou.»³⁷

A Encíclica *Dives in Misericórdia* vem na sequência da encíclica *Redemptor Hominis*³⁸, estabelecendo entre estes dois textos uma íntima relação³⁹ compondo um segundo momento do

³⁶ Papa João Paulo II, *Memória e Identidade*, p. 58.

³⁷ Papa João Paulo II, *Memória e Identidade*, p. 57.

³⁸ A *Redemptor hominis* foi a primeira encíclica publicada por João Paulo II, em 4 de março de 1979. Nesta carta o tema central é Cristo, Redentor do homem.

³⁹ Papa João Paulo II, *Dives in Misericórdia*, n.1. “Seguindo a doutrina do Concílio Vaticano II, e atendendo às necessidades particulares dos tempos em que vivemos, dediquei a Encíclica *Redemptor Hominis* à verdade sobre o homem, verdade que, na sua plenitude e profundidade, nos é revelada em Cristo.”

“projeto trinitário” de João Paulo II, completado com a encíclica *Dominum et vivificantem*⁴⁰, mas temos agora um alargar de horizontes para a investigação teológica, como por exemplo a percepção de unidade da dimensão humano-divina do mistério em que Cristo não aparece apenas como modelo de homem mas sim como revelação do amor do Pai, de forma encarnada em misericórdia.

“Cristo, portanto, revela Deus que é Pai, que é «amor», como se exprimiria S. João na sua primeira Epístola. Revela Deus «rico em misericórdia», como lemos em S. Paulo. Esta verdade, mais do que tema de ensino, é realidade que Cristo nos tornou presente. Tornar presente o Pai como amor e misericórdia, constitui na consciência do próprio Cristo, ponto fundamental do exercício da sua missão messiânica.”⁴¹

Encontramos em Cristo, o «Rosto do Pai» e com isso a manifestação do homem, na plena dignidade da sua natureza, não pode verificar-se sem referência — não apenas conceitual, mas integralmente existencial a Deus. O homem e a sua vocação suprema desvendam-se em Cristo, mediante a revelação do mistério do Pai e do seu amor.

O Deus rico em misericórdia é Aquele que Jesus Cristo nos revelou como Pai⁴², quem me Vê, vê o Pai, (cf. Jo 1,18), e este Deus, que é rico em misericórdia, movido pela imensa caridade com que nos amou, restituiu-nos à vida juntamente com Cristo, quando estávamos mortos pelos nossos pecados.

Quanto mais a vida humana se centrar no homem — quanto mais for, por assim dizer, antropocêntrica — tanto mais se deve confirmar e realizar de modo teocêntrico, isto é, orientar-se no percurso de Jesus Cristo em direção ao Pai.

⁴⁰ A encíclica "*Dominum et vivificantem*" foi publicada pelo papa João Paulo II em 18 de maio de 1986. Tratando do Espírito Santo, completa a "trilogia trinitária" iniciada com a "*Redemptor hominis*", dedicada ao Filho, e seguida pela "*Dives in misericordia*", dedicada ao Pai.

⁴¹ Papa João Paulo II, *Dives in Misericórdia*, p.3.

⁴² Papa João Paulo II, *Dives in Misericórdia*, p. 7.

No acontecimento da Redenção⁴³ está a salvação de todos, porque todos e cada um foram compreendidos no mistério da Redenção, e a todos e a cada um se uniu Cristo para sempre, através deste mistério, por isso afirmamos a universalidade desta salvação em Cristo que é confirmada em todo o Novo Testamento, ou seja, que não há excluídos, como vemos em S. Paulo que reconhece, em Cristo ressuscitado, o Senhor.

Em Cristo e por Cristo, Deus com a sua misericórdia torna-se também particularmente visível⁴⁴; isto é, põe-se em evidência o atributo da Divindade, sobretudo Ele próprio encarna-a e personifica-a. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia, o Messias torna-se sinal particularmente legível de Deus que é amor, torna-se sinal do Pai.

2.2 A Misericórdia como estilo de vida

O Papa João Paulo II afirma ao longo de sua teologia trinitária que Jesus revelou, sobretudo com o seu estilo de vida e com as suas ações, como está presente o amor no mundo em que vivemos, amor operante, amor que se dirige ao homem e abraça tudo quanto constitui a sua humanidade. Precisamente o modo e o âmbito em que se manifesta o amor são chamados na linguagem bíblica misericórdia.

Desta forma na sua Doutrina da Misericórdia exclama que tornar presente o Pai como amor e misericórdia, constitui na consciência do próprio Cristo, ponto fundamental do exercício da sua missão messiânica, e faz da mesma misericórdia um dos principais temas da sua pregação, como a

⁴³ No estudo da obra de São João Paulo II, de forma particular na sua Teologia Trinitária, existe uma relação estreita entre os conceitos de Misericórdia e Redenção, ou seja, a Redenção, como ação Salvífica de Cristo é vista como uma ação Misericordiosa, que visa a remissão do homem como pura vontade divina ante a vontade humana.

⁴⁴ A expressão “*Cristo como representação visível de Deus*”, situada no nº2 da *Dives in Misericórdia (Deste modo em Cristo e por Cristo, Deus com a sua misericórdia torna-se também particularmente visível)*, deseja manifestar que por meio de Cristo, o logos encarnado, o homem pode ter acesso a Deus, por meio de sua própria realidade, ou seja, o Cristão é chamado a uma oração que também é fundamentalmente numa dimensão humana da dor, sofrimento, angústia, uma vez que em Tudo Cristo se fez igual a nós excepto ao Pecado, mas se fez pecado.

parábola do filho pródigo , ou a parábola do bom samaritano, entre outros exemplos, e por esta razão chamamos o Evangelho de Lucas de Evangelho da Misericórdia.

A partir disso a salvação em Cristo, testemunhada e anunciada pela Igreja, é auto-comunicação de Deus. O amor não só cria o bem, mas faz participar também na própria vida de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. A salvação consiste em crer e acolher o mistério do Pai e do Seu amor, que se manifesta e oferece em Jesus, por meio do Espírito.

2.3 *Ethos* Evangélico

Devemos notar que Cristo, ao revelar o amor-misericórdia de Deus, exigia ao mesmo tempo dos homens que se deixassem guiar na própria vida pelo amor e pela misericórdia, seria o *ethos evangélico*, no qual destaca uma dimensão divino-humana da mensagem, como vemos ao proclamar no Sermão da Montanha: «Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia», (cf. Mt 5,7).

A misericórdia faz parte não somente da noção de Deus, mas caracteriza também o horizonte da vida de todo o povo de Israel e de cada um dos seus filhos e filhas: é a essência da intimidade com o seu Senhor, a essência do seu diálogo com Ele. O Antigo Testamento encoraja os homens desventurados, sobretudo os que estão oprimidos pelo pecado, a fazerem apelo à misericórdia e permite-lhes contar com ela e em seguida, dá graças e glória a Deus pela misericórdia, todas as vezes que ela se tenha manifestado e realizado, é o primado do amor em relação à justiça como ponto característico de toda a Revelação no qual se manifestam precisamente através da misericórdia.

No Novo Testamento, no Evangelho de Lucas, temos duas vozes⁴⁵ que proclamam a Misericórdia divina: sendo a primeira destas vozes a de Maria que, entrando em casa de Zacarias, engrandece o Senhor louvando-O com toda a alma pela sua misericórdia (cf. Lc 1,49-54), e a outra voz é a de Zacarias que, na mesma casa, por ocasião do nascimento de João Baptista, seu filho, bendizendo o Deus de Israel, glorifica a misericórdia que Ele quis usar para com os nossos pais para se lembrar da sua santa aliança (cf. Lc1,72).

2.4 Essência da Misericórdia Divina

Temos na parábola do Filho Pródigo, aquilo que poderíamos chamar de essência da misericórdia divina, pois este filho é o homem de todos os tempos, a começar por aquele que foi o primeiro a perder a herança⁴⁶ da graça e da justiça original e assim indiretamente a parábola estende-se a todas as ruturas da aliança de amor: a toda a perda da graça, e todo o pecado. Portanto Deus, revelado especialmente nas parábolas (cf. Lc 15, 3-32; Mt 20, 1-16), é sensível às necessidades e aos sofrimentos do homem: um Pai cheio de amor e compaixão, que perdoa e dá gratuitamente os benefícios que Lhe pedem.

São João diz-nos que «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16). Todo o homem, por isso, é convidado a «converter-se» e a «crer» no amor misericordioso de Deus por ele: o Reino crescerá na medida em

⁴⁵ É o que poderíamos chamar de “*Vozes da Misericórdia*”, quer seja pela boca de Maria, bem como por Zacarias, os dois cantam o mesmo mistério, que se refere ao Mistério da Salvação, *Misterium Salutis*, que se incarna para vencer a morte pela morte.

⁴⁶ Temos no Texto Original Grego a palavra *ousia* (*οὐσία*, substantivo grego formado a partir do feminino do particípio presente do verbo "ser", *εἶναι*, que significa SUBSTÂNCIA, ESSÊNCIA) que na tradução nos chega como Herança, porém partindo desse pressuposto vemos que o Filho Pródigo pede mais que uma herança material, ele pede ao Pai a sua dignidade, estabelecendo neste momento um corte na sua relação com o Pai, ao requisitar para si a autonomia do seu existir ele sentencia sua morte pois não é capaz de ser dono de si. Lucas faz uma alusão ao que acontece com o pecado no homem.

que cada homem aprender a dirigir-se a Deus, na intimidade da oração, como a um Pai (cf. *Lc.* 11, 2; *Mt.* 23, 9), e a esforçar-se por cumprir a Sua vontade (cf. *Mt.* 7, 21).

Entrando a fundo na Parábola do Filho Pródigo, na qual também poderíamos designar a Parábola do Pai misericordioso, temos a atitude do pai da parábola, todo o seu modo de agir, a sua manifestação da disposição interior, permite-nos encontrar cada um dos fios que entretecem a visão da misericórdia no Antigo Testamento, o Pai em questão é fiel a si próprio – *hesed* – o pai sabe que o que se salvou foi um bem fundamental: o bem da vida de seu filho, a sua humanidade está salva, foi reencontrada.

A analogia desloca-se claramente para o interior do homem. A herança que o jovem tinha recebido do pai era constituída por certa quantidade de bens materiais. Mas, mais importante do que esses bens era a sua dignidade de filho na casa paterna. Ele avalia-se a si mesmo pela medida dos bens que tinha perdido e que já não possui, enquanto os criados na casa de seu pai continuavam a possuí-los, no entanto, por detrás esconde-se também o drama da dignidade perdida, a consciência da condição de filho que é intrínseca à sua existência, está manifesta neste desejo de voltar a casa de seu pai, porém sente-se incapaz ou mesmo indigno de aceitar-se como filho, temos em pano de fundo o «pecado adâmico» que se refere à não-aceitação da sua condição.

Este raciocínio, precisamente, demonstra que, no âmago da consciência do filho pródigo, se manifesta o sentido da dignidade perdida, daquela dignidade que brota da relação do filho com o pai. Com essa decisão empreendeu o caminho de regresso e por meio desta parábola torna-se claro que o amor se transforma em misericórdia quando é preciso ir além da norma exata da justiça.

A misericórdia apresentada por Cristo na parábola do filho pródigo tem a característica interior do amor, que no Novo Testamento se expressa na totalidade, chamado de *ágape*⁴⁷. Este amor é capaz de debruçar-se sobre todos os filhos pródigos, sobre qualquer miséria humana, aquele que é

⁴⁷ Do grego *αγάπη*. Fazendo aqui referência ao Amor de Total entrega, o amor que se oferece sem limites e gratuitamente, uma vez que em Cristo está a plenitude do doar-se, a que chamaria de *Ágape Pleno* - *αγάπη πλήρωω*.

objeto da misericórdia não se sente humilhado, mas como que reencontrado e revalorizado, e no caso do filho pródigo, é o regresso à verdade sobre si próprio.

A misericórdia manifesta-se com a sua fisionomia característica quando reavalia, promove e sabe tirar o bem de todas as formas do mal existentes no mundo e no homem, seria o vencer o mal com o bem.

Mas o grande momento de revelação acontece no *mysterium paschale*, em que na Sexta-feira Santa, na oração do Getsémani introduz uma mudança fundamental em todo o processo da revelação do amor e da misericórdia. Aquele que passou fazendo o bem e curando a todos, mostra-se ele próprio, agora, digno de misericórdia, mas nesta fase temos o cumprimento das palavras do profeta Isaías, a respeito do servo de Javé, cf. Is. 53,5 : “ Fomos curados nas suas chagas”

A dimensão divinal da redenção não se verifica somente no fato de ela ter feito justiça pelo pecado, mas também no fato de ela ter restituído ao homem o amor. A Redenção traz em si a revelação da misericórdia na sua plenitude, é o amor que não só cria o bem, mas que faz com que se participe da própria vida de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, em outras palavras, quem ama deseja dar-se a si próprio.

Com a revelação do Pai e efusão do Espírito Santo, que imprime um «selo indelével» no mistério da Redenção, vemos numa dimensão trinitária o sentido da cruz e da morte de Cristo⁴⁸. O Deus da criação revela-se como Deus da redenção, como Deus «fiel a si próprio fiel ao seu amor para com o homem e para com o mundo. Esta revelação do amor é definida por misericórdia; e tal revelação do amor e da misericórdia tem na história do homem uma forma e um nome: chama-se Jesus Cristo.

⁴⁸IOANNES PAULUS PP.II, *Litterae Encyclicae « Dominun et Vivificantem »*, in AAS 78 (1986) 809-900, p. 07. : “O Espírito Santo vem «à custa» da «partida» de Cristo. Se essa «partida», anunciada no Cenáculo, causava a tristeza dos Apóstolos, — a qual devia atingir o seu ponto culminante na paixão e na morte de Sexta-Feria Santa — contudo, a mesma «tristeza havia de converter-se em alegria». Cristo, efectivamente, inserirá na sua «partida» redentora a glória da ressurreição e da ascensão ao Pai.”

Crer no Filho crucificado significa «vêr o Pai», significa crer que o amor está presente no mundo e que o amor é mais forte do que toda a espécie de mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos. Crer neste amor significa acreditar na misericórdia, a cruz é como que um toque do amor eterno nas feridas mais dolorosas da existência terrena do homem, que, de forma central, se exprime «[...] Na sua ressurreição de Cristo revelou o Deus de amor misericordioso, precisamente porque aceitou a Cruz como caminho para a ressurreição [...]».⁴⁹

Este é o Filho de Deus que na sua ressurreição experimentou em si, de modo radical, a misericórdia isto é, o amor do Pai que é mais forte do que a morte. Ele é também o mesmo Cristo Filho de Deus, que no termo — e, em certo sentido, já para além do termo — da sua missão messiânica, se revela a si mesmo como fonte inexaurível de misericórdia, daquele amor que, na perspectiva ulterior da história da salvação na Igreja, deve perenemente mostrar-se mais forte do que o pecado. Cristo pascal é a Encarnação definitiva da misericórdia, o seu sinal vivo, histórico-salvífico e, ao mesmo tempo escatológico.

2.5 Mater Misericordiae

Acerca de Maria é, portanto, a pessoa que mais conhece a misericórdia, sendo que o papa João Paulo II a chamaria de a Mãe da Misericórdia⁵⁰, uma vez que Ela tendo experimentado a misericórdia de modo excecional, merece ser agraciada por tal misericórdia durante a sua vida terrena, no qual destaca as palavras do *Magnificat* que trazem conteúdo profético, que diz respeito não só ao passado de Israel mas a todo o futuro do Povo de Deus sobre a Terra.

Na voz do *Magnificat*, ressoa a necessidade sempre mais profunda, da importância de dar testemunho da misericórdia de Deus em toda a sua missão, professando-a em primeiro lugar como

⁴⁹ Papa João Paulo II, *Dives in Misericórdia*, p. 18.

⁵⁰ Cf. Afirma o São João Paulo II no capítulo V, intitulado Mistério Pascal, da Encíclica *Dives In Misericórdia*.

verdade salvífica de fé e necessária para uma vida coerente com a fé, procurando introduzi-la e encarná-la na vida: «Deus que é amor não se pode revelar de outro modo a não ser como misericórdia»⁵¹

Toda a ação cristã e da Igreja, principalmente na perspectiva da misericórdia, deve ser entendida e vivida no Espírito Santo, que em tudo é o guia supremo do homem, a luz do espírito humano, uma vez que na economia da salvação, entre o Espírito Santo e Cristo subsiste uma ligação íntima, em virtude da qual o Espírito da verdade opera na história do homem como "um outro Consolador", assegurando de modo duradouro a transmissão e a irradiação da Boa Nova revelada por Cristo.

«Por isso, no Espírito Santo Paráclito, o qual continua incessantemente no mistério e na actividade da Igreja a presença histórica do Redentor sobre a terra e a sua obra salvífica, resplandece a glória de Cristo, como atestam as palavras de São João que vêm a seguir: «Ele (isto é, o Espírito) glorificar-me-á, porque receberá do que é meu para vo-lo anunciar.»⁵² Jo 16,14

Estabelecemos portanto uma nova etapa da compreensão da Misericórdia Divina pois existe uma íntima ligação entre a missão do Espírito Santo e a missão do Filho na Redenção. Esta missão do Filho, num certo sentido, tem o seu «cumprimento» na Redenção. O Espírito Santo, que assume do Filho a obra da Redenção do mundo, assume por isso mesmo a função de o «convencer quanto ao pecado» em ordem à salvação, isto é, à salvação definitiva em Deus, à efetivação da economia que tem como centro Cristo crucificado e glorificado, numa correlação entre misericórdia e glória de Deus.

⁵¹ Papa João Paulo II, *Dives in Misericórdia*, p. 26.

⁵² Papa João Paulo II, *Dominun et Vivificantem*, p. 4.

A conversão a Deus consiste sempre na descoberta da sua misericórdia, daquele amor que é paciente e benigno, é este o Amor que a Igreja confessa com humildade, um amor mais forte do que as fraquezas e faltas humanas, que pode realizar a unidade desejada que Cristo pedia ao Pai, sendo esse amor uma fonte mais profunda que a justiça, capaz de restituir o homem a si próprio.

O Espírito Santo mostra onde há pecado e assim demonstra o mal inerente a essa escolha, de qualquer pecado, em relação com a Cruz de Cristo. O pecado, quando mostrado com esta relação, é reconhecido em toda a dimensão do mal que lhe é própria, como *mysterium iniquitatis* e que o homem não pode conhecer senão a luz desse mesmo Espírito.

«Por conseguinte, o Espírito, que «perscruta todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus», conhece desde o princípio «os segredos do homem». Exatamente por isto, só Ele pode plenamente «convencer quanto ao pecado» que se verificou no princípio, aquele pecado que é raiz de todos os outros e o foco de irradiação da pecaminosidade do homem na terra, que jamais se extingue»⁵³

A salvação é, antes de mais nada, a redenção do pecado, enquanto impedimento da amizade com Deus, e a libertação do estado de escravidão, no qual se encontra o homem que cedeu à tentação do maligno e perdeu a liberdade de filho de Deus, é o anúncio do reino de Deus tendo em vista a conversão, superando a crise do sentido do pecado, pela força do amor manifestado pela misericórdia.

«A universalidade da salvação em Cristo não significa que ela se destina apenas àqueles que, de maneira explícita, crêem em Cristo e entraram na Igreja. Se é destinada a todos, a salvação deve ser posta concretamente à disposição de todos.»⁵⁴

⁵³ Papa João Paulo II, *Dominun et Vivificantem*, p. 19.

⁵⁴ IOANNES PAULUS PP.II, *Litterae Encyclicae «Redemptoris Missio»*, in AAS (1991).Vol.LXXXIII,p. 249-339,n.06.

N'Ele, precisamente, nós podemos conceber como que personificada e atuada de uma maneira transcendente o atributo da misericórdia, que a tradição patrística e teológica, na linha do Antigo e do Novo Testamento, atribui a Deus. No homem, a experiência existencial da reverência e da prática da misericórdia inclui a dor e a compaixão pelas misérias do próximo. Em Deus, o Espírito que é amor, faz com que a consideração do pecado humano se traduza em novas dádivas do amor salvífico, o Espírito Santo entrará no sofrimento humano como uma nova efusão de amor, que redimirá o mundo, o que torna a ação humana uma mediação possível para fazer presente esse amor radical d'Aquele em quem se confia.

A Igreja vive autenticamente quando professa e proclama a misericórdia⁵⁵, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora.

2.6 No pensamento do papa Francisco: A Misericórdia como fonte de Alegria.

«Tendo, porém, dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada, aquele que tem o dom da profecia que o exerça segundo a proporção da nossa fé; aquele que tem o dom do serviço, o exerça servindo; quem tem o do ensino ensinando; quem o da exortação exortando. Aquele que distribui seus bens, que o faça com simplicidade; aquele que preside, com diligência; aquele que exerce misericórdia com alegria.» (Rom 12,6-8)

A misericórdia é fonte de Alegria para o coração do homem, pois é a manifestação mais luminosa da verdade de Deus⁵⁶, deste Deus que nunca se cansa de perdoar, pois somos que nos cansamos de pedir perdão⁵⁷, é alegria de saber que temos um Deus disposto a sempre acolher, a fazer

⁵⁵ Papa João Paulo II, *Dives in Misericórdia*, p. 25.

⁵⁶ FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Amoris Laetitia»*(Roma, Editrice Vaticana 2015).p. 210.

⁵⁷ FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»*, in AAS(2013), Vol.CV,p. 1019 -1138.n.3.

caminhada conosco, por isso em Cristo misericordioso esta revelada a plenitude da alegria, uma alegria que não passa mas que se renova a cada encontro com o Senhor Ressuscitado.

Não falamos de euforia, pois a euforia é uma sensação de momento e que nada acrescenta para a nossa salvação mas Alegria como fruto da misericórdia, que é mais profunda e verdadeira, como resultado da relação pessoal com Deus, sendo sinal da presença do Reino de Deus no meio de nós, assim como dizia o evangelista Lucas ao afirmar que haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão (Lc.15,7), ou seja é a alegria da festa, é a Festa da Misericórdia.

A Alegria é uma característica dos que se encontraram com Deus, quem foi tocado pela Misericórdia do Senhor é alguém alegre por mais que existam situações que cause alguma tristeza, uma vez que esta alegria é sinal de proximidade com Deus, de uma confiança firme mas também é um gesto de gratidão pelas bênçãos que lhe foram concedidas.

A misericórdia divina que enche o coração do homem, não é apenas uma alegria espiritual mas tem as suas consequências concretas no alívio e consolação de muitos sofrimentos humanos, pois um homem redimido por Cristo é um homem que caminha para a Felicidade, mesmo estando cercado por tribulações de caráter temporal, a misericórdia do Senhor orienta o ser humano para desfrutar das alegrias eternas.

O Santo Padre Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, aborda esta questão afirmando que a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus, que confronta com uma tristeza do mundo atual que é consequência de um individualismo e de uma busca desordenada pelo prazer.⁵⁸ Sendo assim o Sumo Pontífice aponta os caminhos para que a Igreja esteja atenta porque a Alegria verdadeira esta no meio das pequenas coisas da vida cotidiana, que brota da fonte transbordante do nosso coração de Deus Pai.⁵⁹

⁵⁸ FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»*.n. 1.

⁵⁹ FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»*.n. 5.

2.7 A Misericórdia não é uma ideia abstrata

Quando referimos misericórdia, o nosso Papa Francisco, entende que o principal fator a se ter em conta é sentir necessidade desta misericórdia, para podermos experimentá-la, uma vez que Cristo vem em nosso auxílio quando reconhecemos que somos pecadores. Pois se considerarmos-nos demasiadamente justos não seremos capazes de conhecer a fundo o coração de Nosso Senhor, é preciso compreender que o ser humano tem necessidade de ser abraçado e perdoado.

Somos herdeiros de uma mentalidade destorcida sobre Deus, trazemos connosco uma falsa certeza que temos um Deus que castiga, porém esta não é a verdade, sendo que deveríamos aproximar de Deus como um Pai que não condena mas que vai além da lei e perdoa. Temos em Jesus a imagem da misericórdia, sabendo que a misericórdia não apaga os pecados, porque o que apaga os pecados é o perdão de Deus, mas sendo esta o modo como Deus perdoa.

De forma ilustrativa, diríamos que a Misericórdia de Deus é uma iluminação de amor, em que Deus não perdoa com um decreto, mas com uma carícia⁶⁰, sendo Ele o supremo perdão, a fonte de nossa salvação, que espera do homem apenas um passo em sua direção para poder o abraçar, o amar, ou seja, a Misericórdia de Deus cobre uma imensidão de pecados, porque assim é o proceder de Deus, um mover ilógico, que não se enquadra nos esquemas humanos e, por isso mesmo é Deus, pois ao mesmo tempo que se faz próximo e capaz de tornar-se novamente desconhecido porque o amor de Deus é infinito e logo incapaz de uma percepção racional plena por parte do homem.

«Jesus disse que não viera para os justos, mas para os pecadores. Não veio para os saudáveis, que não precisam de médico, mas para os doentes. Por isso se pode dizer que a misericórdia é o bilhete de identidade do nosso Deus».⁶¹

⁶⁰ FRANCISCO PP., *O nome de Deus é Misericórdia*, Lisboa, Ed. Planeta, 2016, p. 15.

⁶¹ FRANCISCO PP., *O nome de Deus é Misericórdia*, p. 26.

A misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma ação concreta, pelo qual Deus revela seu Amor diante do pecador, que se encontra humilhado e envergonhado pelo peso do pecado, mas muitas vezes este coração desfragmentado é a oferta que mais agrada a Deus, pois revela a consciência do pecado, o seu mal, e a necessidade do perdão. E este coração ferido é a brecha por onde a Graça Santificante entra e age, pois a Misericórdia é infinitamente maior do que qualquer pecado.

O *modus agere* de Deus é completamente diferente da lógica humana, o homem naturalmente buscaria viver o axioma “olho por olho e dente por dente”⁶² em que a sua maneira realizaria a justiça mas, em Jesus, a ação da Misericórdia transforma o mal em bem, transforma e redime o pecado, em Cristo o homem percorre o caminho da condenação à Salvação, pois a justiça é mais justa com a misericórdia e realiza-se em si mesma⁶³, ou seja a verdadeira justiça é ajudar a levantar aqueles que caíram.

A relação entre Misericórdia e Justiça é muito desenvolvida pelo Santo Padre Francisco em seu Magistério até o momento, sendo que na Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o Bispo de Roma explica que na Sagrada Escritura a justiça é concebida essencialmente com um abandonar-se confiante à bondade de Deus. No entanto no ensinamento de Jesus vemos que Ele sublinha mais vezes a importância da Fé que a observância da Lei, de modo que em Cristo a justiça de Deus torna-se libertação para os oprimidos pela escravidão do pecado e todas as suas consequências, não sendo a misericórdia contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, a Justiça de Deus é o seu perdão.⁶⁴

⁶² A chamada Lei de Talião, que seria a lei da retaliação, ao qual para cada crime existe uma sentença, sendo citada na Sagrada Escritura no Capítulo 21 do Livro do Êxodo em que denota os castigos aplicados aos escravos. Porém no Evangelho de São Mateus 5,38 vemos Jesus que supera este costume com a lei da gratuidade: “Ouvistes o que foi dito: olho por olho e dente por dente. Eu porém vos digo: não resistais ao homem mau; antes aquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda.”

⁶³ FRANCISCO PP., *O nome de Deus é Misericórdia*, p. 85.

⁶⁴ FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015),n.20.

Estamos “face a face” com este Deus que se deixa comover pela miséria humana, pelas nossas necessidades e pelo nosso sofrimento, diante deste Deus que ama com compaixão e que faz despertar no coração do homem a consciência de que é carente de amor e de salvação, enfim que é pecador e precisa urgentemente reordenar a sua vida para Deus, numa postura de Fé e de abandono. Acreditar significa confiar-se a um amor misericordioso que sempre acolhe e perdoa, que sustenta e guia a existência, que se mostra poderoso na sua capacidade de endireitar os desvios da nossa história⁶⁵.

Portanto a Misericórdia de Deus, entendida como principal atributo divino não pode ser uma idéia abstrata, porque o agir de Cristo salva-nos, pois é n’Ele que a vida se abre radicalmente a um Amor que nos precede e transforma a partir de dentro, pois Deus se faz todos os dias muito próximo a cada um de nós e é em Jesus que acontece a grande transformação interior, em outras palavras é possível afirmar que a Misericórdia Divina reordena a vida do homem e prepara para as realidades eternas.

Em nota de síntese deste tópico, recorreremos às palavras do Papa Francisco para afirmar que a Misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, ninguém pode impor um limite ao amor de Deus que perdoa. Se olharmos apenas para Ele, se apenas levantarmos o olhar humilde sobre o nosso eu e sobre as nossas feridas e deixarmos pelo menos um abertura a acção da sua graça, Jesus faz milagres também com o nosso pecado, com aquilo que somos, com o nosso nada, com a nossa miséria.⁶⁶

⁶⁵ FRANCISCUS PP., *Litterae Encyclicae « Lumen Fidei »*, in AAS(2013),Vol.CV,p. 555-596.n.13.

⁶⁶ FRANCISCO PP., *O nome de Deus é Misericórdia*, p. 90.

2.8 Chamados para uma Pastoral da Misericórdia

Ao fazer esta reflexão sobre a misericórdia divina, estamos desenvolvendo uma perspectiva teológica acerca deste tema que tem por fim, despertar na Igreja o amadurecimento daquilo que chamaria de «pastoral da misericórdia», conforme João Paulo II já previamente alertara na sua encíclica *Dives in Misericordia*, ao afirmar que a Igreja vive uma vida verdadeira quando professa e proclama a misericórdia, como o mais belo atributo do Criador⁶⁷.

A misericórdia plenamente revelada em Jesus Cristo, como encarnação do amor que salva, conduz a Igreja dos nossos tempos a uma postura de abertura e acolhimento daqueles que estão fora, nunca rejeitando os seus princípios fundamentais de Fé, porque a misericórdia é a realização concreta da doutrina da Igreja e, portanto, não pode ser entendida como um relativismo doutrinário. Na perspectiva da Misericórdia, a Igreja torna-se um verdadeiro “hospital de campanha”⁶⁸, sendo esta uma expressão de profundo caráter profético do papa Francisco usada na obra «O nome de Deus é Misericórdia» em que ainda afirma a necessidade de sermos uma Igreja que aquece o coração das pessoas pela proximidade.

Agindo desta maneira a Igreja vai de encontro aos dramas e feridas do mundo contemporâneo, de uma sociedade marcada pelo medo, e principalmente pela desconfiança, seja de Deus como do outro, assim a fragilidade dos nossos tempos também é acreditar que não existe redenção, que tudo está perdido, enfim que não há bondade e beleza no atual momento da história.

A busca do «Ser Igreja em Saída»⁶⁹ aproxima as pessoas do seio eclesial, faz emergir a chamada Fraternidade Universal, em que todos somos peregrinos necessitados da Misericórdia do Senhor, desde o clero ao leigos, do rico ao pobre, do centro à periferia. Estabelecendo este laço fraterno a mensagem da salvação chega a todos, sem exceção, ao qual não há excluídos ou esquecidos

⁶⁷ Papa João Paulo II, *Dives in Misericordia*, p.77.

⁶⁸ FRANCISCO PP., *O nome de Deus é Misericórdia*, p. 25.

⁶⁹ FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»*, in AAS (2013), Vol.CV,p.1019 -1138,nº 46.

mas cada pessoa sente-se incluído, lembrado e exclusivo recetor da Palavra que Cura as suas feridas mais profundas.

Toda a ação pastoral da Igreja precisa estar envolvida com o testemunho e anúncio da Misericórdia, de modo que fique evidente que a Misericórdia Divina é uma força que ressuscita para uma nova vida e infunde para olhar para o futuro com esperança, estando interessada pela vida de cada pessoa e fazendo caminhada com cada pessoa.

«Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs, privados da própria dignidade, e sintamo-nos desafiados a escutar seu grito de ajuda»⁷⁰

A indiferença é um ato contrário ao pregado por Jesus, sendo que o Filho de Deus através da sua vida prolonga o preceito de amor a todos os homens, sem excluir inimigos, os pecadores, os não crentes, enfim por Cristo o modelo de amor é o Amor infinito do Pai Celeste, em que o mais importante é fazer-se próximo de cada um, isto é, aproximar-se de cada homem, especialmente do necessitado, que é o “local” onde Deus quer ser descoberto e amado.

Desta forma compreendemos que a indiferença é o “anti-carisma” da misericórdia, seja a indiferença religiosa citada pelo Catecismo da Igreja Católica como um pecado contra o amor de Deus, porque negligência ou recusa a consideração da caridade divina e menospreza a caridade divina e nega sua força⁷¹, bem como para com os sofrimentos e carência do outro, representando uma perspectiva contrária a misericórdia do Senhor.

A Misericórdia do Senhor é proximidade e a indiferença é sinal de distância, fruto de um egoísmo que leva a uma verdadeira “prisão interior” ao qual a pessoa preocupa-se demasiado consigo

⁷⁰ FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015),n.15.

⁷¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (São Paulo, Ed.Loyola 2000),p. 551.

própria e suas necessidades e torna-se incapaz de fazer-se sentir pelo sofrimento e a luta daqueles ao seu redor e do mundo em geral. É importante notar que a indiferença é de facto o anti-carisma da misericórdia”, pois sua postura é totalmente oposta ao espírito evangélico, que nos convida constantemente a vivermos para os outros, em que a realização do homem esta em dar-se, ou seja, é vivendo para e pelo próximo que Jesus nos aponta o caminho da vida em plenitude, assim como ora o apóstolo Paulo e que também deve ser a nossa oração: “ A vós, porém, o Senhor faça crescer e ser ricos em amor mútuo e para como todos os homens, a exemplo do amor que nós vos temos” (1 Tes. 3,12).

Com a perspicácia dos sinais dos tempos, o papa Francisco convida a Igreja a redescobrir as Obras de Misericórdia, sejam elas as Corporais como também as Espirituais, de modo a acordar a consciência que muitas vezes esta adormecida perante o drama da pobreza e da miséria humana, afirmando que a Misericórdia Divina é o coração do Evangelho, em que os pobres são os privilegiados.⁷²

A «pastoral da misericórdia» nasce portanto do apelo da humanidade, deste pedido de socorro que a sociedade esta a fazer de diversas formas e a Igreja deseja ser esta resposta para tantos quanto a procuram e também para aqueles que não a procuram mas por serem filhos de Deus também estão sob os cuidados da Mãe Igreja.

Assim sendo as “Obras de Misericórdia”⁷³ tocam a realidade da vida das pessoas, ao qual tendo o Evangelho de São Mateus 25,31-46, como texto paradigmático manifesta a solidariedade da Igreja para os que sofrem no corpo e na alma, como um belo testemunho cristão, numa atitude gratuita e exercida somente pelo dom da fé em Jesus Cristo e também como sinal de comunhão com o Santo

⁷² FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015),n.15.

⁷³ Obras de Misericórdia Corporais: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos e enterrar os mortos; Obras de Misericórdia Espirituais: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as fraquezas do próximo e rezar a Deus pelos vivos e defuntos.

Padre que convida a Igreja para que faça eco da Palavra de Deus⁷⁴, trazendo sempre um gesto de perdão e amor de modo a nunca nos cansarmos de oferecer misericórdia, sendo sempre paciente a confortar e perdoar, e sendo no mundo a voz dos que sofrem.

2.9 Em Walter Kasper

Estamos diante de um teólogo expoente da atualidade, o qual foi muito elogiado pelo Papa Francisco na ocasião do seu primeiro Ângelus, no dia 17 de março de 2013⁷⁵, o cardeal Walter Kasper, presidente emérito do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, que dentro de toda sua obra, dedica particular atenção à temática da Misericórdia, em especial no livro: *La misericordia, clave del Evangelio y de la vida cristiana*, convida-nos a uma melhor compreensão de qual seria o verdadeiro entendimento e quais as consequências práticas que derivam da misericórdia. Partindo dessa obra basilar aprofundaremos este conceito seguindo o pensamento kasperiano.

No pensamento de Kasper, a misericórdia situa-se no centro da revelação cristã, dentro daquilo que entendemos como Doutrina Sobre a Trindade, em que Deus que é amor. Como sua essência mais íntima também se relaciona com o ser humano e que toda forma de amor humano por mais bela que seja, nos remete para uma representação do Amor Trinitário ou seja aquele amor que não suprime as distâncias mas que respeita a alteridade do outro e preserva a sua dignidade, criando um espaço para que o outro possa ser ele mesmo, mas nesse paradoxo do amor, mantém sempre a Unidade, é o que

⁷⁴ FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015),n.25.

⁷⁵ Papa Francisco, *Angelus*, 17 de Março de 2013:

“Nestes dias, pude ler o livro de um Cardeal – o Cardeal Kasper, um teólogo estupendo, um bom teólogo – sobre a misericórdia. Aquele livro fez-me muito bem. (Não julgueis que estou a fazer publicidade dos livros dos meus Cardeais, porque não é isso...!) É que [o livro] me fez mesmo bem, muito bem... O Cardeal Kasper dizia que a melhor sensação que podemos ter é sentir misericórdia: esta palavra muda tudo, muda o mundo. Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo. Precisamos de compreender bem esta misericórdia de Deus, este Pai misericordioso que tem tanta paciência...”

chamamos do paradoxo do amor trinitário, no qual a misericórdia está intrínseca e se revela no Amor eterno do Pai ao Filho e ao Espírito Santo, que é um amor que se comunica a si mesmo.

Este amor que se manifesta como misericórdia faz referência com as relações humanas de proximidade, sendo uma condição fundamental para convivência dentro de um povo, por isso urge a necessidade da construção de uma nova sociedade⁷⁶, não pautada pelos valores profanos, tais como o sucesso, o enriquecimento a todo custo, entre outros. A «civilização do amor» tem como «pedra angular» a vivência dos valores evangélicos como sendo um caminho para a libertação das prisões sociais (exploração trabalhista, corrupção, violência, fome), e dentro disso a misericórdia surge como inspiração para novos rumos no mundo contemporâneo.

Acerca do que foi referido acima, o cardeal Kasper acredita que a Igreja Católica através das obras de misericórdia tem um grande contributo a ser dado tanto a nível político como social⁷⁷. Seja pelas obras de misericórdia corporais bem como as obras de misericórdia espirituais, a Igreja intervém diretamente nas questões problemáticas que afetam o mundo, apontando caminhos e mostrando concretamente pelo seu trabalho apostólico, inserido nestas realidades conflituantes que a vivência da fé-cristã é comprometida e responsável pela vida humana.

2.10 A Misericórdia como atributo divino

A misericórdia é entendida como principal atributo divino de Deus, tendo um grande enfoque em toda história da Teologia, sendo vista como atributo de Deus, pois refere-se ao que na Igreja Primitiva se chama de segunda oportunidade, para aqueles batizados que caíam em pecado mortal, faltando as suas promessas batismais⁷⁸.

⁷⁶ WALTER KASPER., *La misericordia, clave del evangelio y de la vida cristiana*, Ed.SalTerra.4ªed.Cantabria 2012, p. 190.

⁷⁷ WALTER KASPER., *La misericordia, clave del evangelio y de la vida cristiana*, Ed.SalTerra.4ªed.Cantabria 2012, p. 186.

⁷⁸ WALTER KASPER., *La misericordia, clave del evangelio y de la vida cristiana*, Ed.SalTerra.4ªed.Cantabria 2012, p. 19.

A esta afirmação, acima mencionada, desenvolve-se grandes questões teológicas, como o debate acerca das controvérsias com Marcião⁷⁹, no qual ele distinguia entre o Deus justo, oriundo do Antigo Testamento, e o Deus Misericordioso, do Novo Testamento, ou seja, estaria ele afirmando que existe uma distância e ainda contradição entre o Deus do Antigo Testamento e o do Novo Testamento, está em jogo a unidade do Deus único, logo surge a pergunta, qual a relação entre a justiça e a Misericórdia Divina.

Sendo esta uma questão pertinente até aos nossos dias, devemos enquadrá-la no entendimento da doutrina sobre Deus. O ponto de partida é a revelação do nome de Deus para Moisés na sarça ardente, no momento em que ele pergunta ao Deus que se revela qual seria o seu nome, recebendo a seguinte resposta: «Eu Sou Aquele que Sou» (Ex 3,14)⁸⁰. Notamos que o verbo grego «ser»⁸¹ que se refere a «Eu sou», não representa um ser estático mas dinâmico, de forma concreta é aquele que está Aqui, sendo assim o Nome de Deus é ao mesmo tempo compromisso e promessa e, por fim ainda podemos dizer que portanto Deus não foi definido como "o existente" mas como o ser em si mesmo, *ipsum esse subsistens*, expressando tanto a sua imanência como a sua transcendência, uma realidade que tudo determina e que está presente em todas as coisas, e que por «ser em si mesmo», não se esgota e supera qualquer aproximação a todo o sentido panteísta que esta afirmação possa sugerir.

⁷⁹ Marcião, do início do Cristianismo (85-160) é tido como um dos primeiros do gnosticismo, sua teoria basicamente era afirmar que Jesus era o filho de Deus Pai, mas entendia a encarnação de maneira docética, ou seja, negar a humanidade de Cristo e afirmar a sua divindade. Marcião foi excomungado da Igreja no ano de 144, sendo esta posição retomada desde sempre pela Igreja, ao longo da sua Tradição, como por exemplo vemos uma nota de Eugênio IV na Bula Cantate Domino, no ano 1330, acerca do Concílio de Florença: “ Em primeiro lugar, condena Ebion, Cerinto, Marcião e Paulo de Samosata, Fotino e todos aqueles que proferem semelhantes blasfêmias, os quais incapazes de compreender a união pessoal da humanidade com o Verbo...” (Cf. ENCHIRIDION, *Eugênio IV na Bula Cantate Domino*, p. 369).

⁸⁰ Moisés disse a Deus: "Quando eu for aos filhos de Israel e disser: 'O Deus de vossos pais me enviou até vós'; e me perguntarem: 'Qual é o seu nome?', que direi?" ¹⁴Disse Deus a Moisés: "Eu sou aquele que é." Disse mais: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'EU SOU me enviou até vós.'" ¹⁵Disse Deus ainda a Moisés: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'Iahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó me enviou até vós. Este é o meu nome para sempre, e esta será a minha lembrança de geração em geração.' Ex 3,13-15

⁸¹ Verbo Ser: do vocábulo grego *εἶμι*, que equivale aos verbos ser e estar. Muito usado na filosofia, este verbo aparece na Sagrada Escritura fazendo referência a Deus, ao Nome de Deus, ganhando por assim dizer uma nova interpretação, uma vez que Cristo retoma esta expressão nos evangelhos, usando-a 23 vezes, sendo que no Evangelho de João temos uma sequência no qual em 7 momentos Jesus se apresenta com a Expressão “ *ἐγὼ εἶμι*”, (Jo 6,35 - Eu sou o Pão da Vida; Jo 8,12 - Eu sou a Luz do Mundo; Jo 10,9 - Eu sou a Porta; Jo 10,11 - Eu sou o Bom Pastor; Jo 11,25 - Eu sou a ressurreição e a vida; Jo 14,6 - Eu sou o caminho a verdade e a vida; Jo 15,1 - Eu sou a verdadeira videira) com o intuito revelar a sua Divindade.

Se trata de um Deus que vê a aflição do seu povo e escuta os seus lamentos, um Deus que fala, que age e intervém para libertar e redimir, revelando-se a si mesmo como um Deus a caminho, que guia os seus na história e que logo, não pode estar vinculado a um lugar em específico. Estamos diante de um Deus que manifesta o seu poder onde quer e como quer, de maneira por vezes inesperada e imprevisível.

A revelação do nome de Deus no Sinai não denota apenas uma pretensão particular, mas eleva-se a uma pretensão universal, pois Deus não se revela só a um povo em concreto, Israel, não se trata de um Deus nacional, mas de um Deus que na sua peregrinação caminha em direção a todos os povos. Temos aqui portanto um chamado desejo universal, como podemos ver em Abraão (Gn 12,2), na vida dos Profetas e no decurso da *historia salutis*. Portanto, não se trata de um Deus apático, que permanece no seu trono indiferente à aflição e ao pecado da humanidade. É um Deus com um coração que também se enche de ira, mas que, logo por misericórdia, não se volta irado para o pecador mas para o seu agir em pecado, pois é o único que pode perdoar, pois o perdão é parte da essência de Deus.

Recorrendo de forma particular ao livro 7 das Confissões⁸², o cardeal Kasper descreve Agostinho explicitando que ele percorre um caminho desde a concepção materialista de Deus dos maniqueus, passando por Platão, até chegar à concepção cristã de Deus. Uma vez que Santo Agostinho não poderia separar a sua compreensão de Deus da sua compreensão trinitária de Deus, a compreensão de Deus como amor, sendo o amor do Pai constitutivo na sua essencialidade, assim o Deus da revelação cristã é o Deus Amor.

⁸² SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, Ed.Livraria Braga, 13ªed.Braga 1999, p. 159 (Livro VII). “Ora, isto não o dizem os livros platônicos. Suas páginas não encerram a fisionomia daquela piedade, nem as lágrimas da compunção, nem o vosso sacrifício, nem o espírito compungido, nem o coração contrito e humilhado, nem a salvação do povo, nem a cidade desposada, nem o penhor do Espírito Santo, nem o cálice do nosso resgate. Lá ninguém canta: Não há-de a minha alma estar sujeita a Deus? Depende d’Ele a minha salvação, por quanto Ele é o meu Deus e Salvador. Ele me recebe e d’Ele não me apartareis mais.”

Sabemos portanto que o pensamento agostiniano exerceu grande influência na teologia ocidental, e na alta escolástica temos em São Boaventura, um grande expoente que deu um passo decisivo no estudo sobre Deus, pois relacionando estes dois grandes da nossa fé, temos a compreensão que Deus é em si mesmo, mas que é um ser que se dá a si mesmo, um ser que emana em forma de amor. Com esta definição não se renuncia a compreensão filosófica de Deus, derivada da filosofia grega, mas se precisa em maior detalhe a partir de um ponto de vista teológico. Para Boaventura como Agostinho, concebem a essência divina como amor e desenvolvem o pensamento sobre Deus como a Trindade.⁸³

Portanto, segundo o testemunho da Sagrada Escritura, tanto o Antigo como o Novo Testamento, e também segundo a Tradição, baseando nos nomes mencionados anteriormente, é possível a afirmação da Misericórdia como atributo de Deus que ocupa o primeiro lugar na autorrevelação de Deus na história da salvação.

«A misericórdia é mais do que o lado visível e operativo da essência divina, que se encontra graciosamente virada para o mundo e para os seres humanos e que se torna a virar para eles uma e outra vez na história, isto é, a bondade e o amor inerentes a Deus. A misericórdia é a *caritas operativa et effectiva* de Deus.»⁸⁴

2.10 A Misericórdia como acolhimento da vontade de Deus

A misericórdia faz referência a Deus movido por um Amor de entranhas que quer, desde toda a eternidade, em Jesus Cristo a salvação de todos os seres humanos. A misericórdia divina é inerente à condição antropológica mas não pode por outro lado ignorar a liberdade humana uma vez que ela

⁸³ O Cardeal Walter Kasper desenvolve este pensamento entre as páginas 87 e 94, de sua Obra: *La misericordia, clave del Evangelio y de la vida cristiana*. Relacionando a argumentação agostiniana e de São Boaventura.

⁸⁴ KASPER, W., *La misericordia, clave del Evangelio y de la vida cristiana*. p. 92.

apela à responsabilidade do ser humano, exige uma opção, um abrir-se do homem para o acolhimento desta manifestação de Deus.

Jesus não somente anuncia a misericórdia, como fazendo referência ao Pai, mas antes a vive, estando visível e atuante em si, como quando se ocupa dos enfermos e atormentados por espíritos malignos, quando vai ao encontro daqueles que sofrem e até mesmo vai estar com eles em suas casas. A partir disso vemos que o novo na mensagem de Jesus a respeito do Antigo Testamento é que Ele anuncia a misericórdia de forma definitiva e para todos, abrindo assim o caminho de acesso a Deus, não apenas para os justos, mas para todos, o Reino de Deus é para todos, ninguém está excluído. Seria o mesmo que dizer que a ira de Deus se aplacou, dando mais espaço para o seu amor e a sua misericórdia, tendo os pobres espiritualmente como principais recetores deste anúncio.

A mensagem de Jesus, na sua maior parte, se dirige para o anúncio de Deus como Pai, e a forma como Ele se volta para Deus, como na expressão " *Abba* Pai (cf. Mc 14,36), revelando uma compreensão mais profunda do cristianismo acerca de Deus e da relação com ele, por Cristo temos uma relação pessoal com um "tu divino", que nos conhece e escuta, que sustenta e nos ama.

Este Pai misericordioso, revelado pelo Messias, está connosco, naquilo que fazemos, estabelece relacionamento, não apenas pela necessidade do homem mas antes por sua livre vontade, poderíamos até perceber nas situações da vida a mão paterna de Deus, que nos ampara e que pode ser invocado em qualquer circunstância.

Assim sendo a misericórdia é a perfeição da essência divina⁸⁵, ela é transbordante, para além de toda medida e num certo sentido, podemos afirmar que é a mais perfeita realização da Justiça Divina. A misericórdia de Deus leva o ser humano a regressar à verdade sobre si mesmo, pois não humilha o homem e baseia-se na essência boa e na dignidade que é inerente ao seu ser.

⁸⁵ KASPER, W., *La misericordia, clave del Evangelio y de la vida cristiana*. p. 80-87.

Entendida como atributo divino, a misericórdia de Deus tem na cruz o ápice da sua revelação, ela nos revive e nos reanima sem merecimento humano, suscita em nós a esperança contra toda a desesperança (cf. Rm4,18), criando espaços para que a vida se desenvolva na liberdade, que é dada ao ser humano, porque não reprime mas ao contrário, somente a *perfecta justicia* pode dar consistência a esta liberdade, a fim de que sejamos fecundos em obras de justiça e compromisso a favor da humanidade. Portanto a *perfecta justicia*, que o Cardeal Walter Kasper relaciona com a misericórdia divina, também é chamada de nova justiça.⁸⁶

Em sua misericórdia Deus se revela como o Totalmente Outro e ao mesmo tempo é o Totalmente Próximo, nos remete para a total alteridade de Deus e ao mesmo tempo para a sua incompreensibilidade.

Como aplicação prática, toda esta conceptualização de "misericórdia divina" somente pode ser compreendida sob a perspectiva eclesial, ou seja, a Igreja está sujeita à medida da misericórdia, como o lugar privilegiado para sua manifestação. O mandamento da misericórdia está fundado no ser da Igreja como corpo de Cristo, entendida como sacramento da misericórdia.

Portanto a Igreja, precisa avançar para aquilo que é o centro da mensagem evangélica, situando num primeiro plano a mensagem do Deus Misericordioso, e não anunciar um Deus morto e vazio, um Deus abstrato, que está distante da pessoa humana, evitando um discurso que mostra um Deus castigador, vingador que por fim acaba por gerar medo e distanciamento nas pessoas. Em seu anúncio a Igreja deve manifestar a história dos crentes da misericórdia divina como realidade actual e próxima a cada um.⁸⁷

⁸⁶ KASPER, W., *La misericordia, clave del Evangelio y de la vida cristiana*. p. 81.

⁸⁷ KASPER, W., *La misericordia, clave del Evangelio y de la vida cristiana*. p. 157.

2.11 A Relação entre Misericórdia e Justiça

Uma vez que a misericórdia é o principal atributo de Deus, ela não pode ser inferior à justiça divina, ao contrário é a justiça divina que deve ser entendida à luz da misericórdia Divina, segundo Walter Kasper a misericórdia aparece então como justiça característica de Deus.

A mensagem da misericórdia Divina significa que Deus se ocupa e toma a seu cargo a nossa pobreza, entendida também como sendo a realidade do pecado, Ele permanece connosco, é um Deus dos homens, amigo dos seres humanos, por isso que a misericórdia divina significa felicidade e realização, pois ela oferece às pessoas a experiência da felicidade interior, suscita em nós alegria e esperança, isto porque restabelece a ordem originária e nos concede sossego, paz na medida em que nos permite experimentar, antecipadamente a beatitude eterna.

A Bíblia fala da esperança escatológica na justiça de Deus, vista como misericórdia, que constitui o núcleo central da mensagem bíblica, como é apresentada no Antigo Testamento a presença de Deus como um Deus clemente e misericordioso (Ex 34,6)⁸⁸ e no Novo Testamento chamando a Deus de Pai compassivo e Deus de toda consolação (2 Cor 1,3)⁸⁹.

A misericórdia divina, revelada definitivamente em Jesus Cristo, é o sinal que antecede a toda realidade e a preside, é o suposto originário e o fundamento tanto da criação como de toda a história da salvação, diríamos que é uma condição *sine qua non*, em que tudo depende dessa bondade de Deus, entendida como esta eterna decisão salvífica de encarnar-se como ser humano, no qual procede a misericórdia para com a humanidade caída em pecado e redimida por Deus em Cristo, o todo se encontra sob a misericórdia de Deus.

⁸⁸ "Iahweh passou diante dele, e ele exclamou: "Iahweh! Iahweh... Deus de compaixão e de piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade..." (Ex. 34,6.)

⁸⁹ "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação!" (2 Cor. 1,3.).

Assim sendo a misericórdia de Deus é o poder divino que conserva, protege, fomenta, recria e fundamenta a vida. Por isso, a lógica humana se vê incapaz de a compreender, uma vez que se baseia na justiça que se resume no castigo e na morte do pecador; mas Deus reestabelece a relação destruída pelo pecado e concede novas e fiáveis relações de vida, porque a misericórdia de Deus é uma justiça criadora⁹⁰, que faz nova a vida do pecador, pois como dizia o apóstolo Paulo (Rm.5,20.) “onde abundou o pecado superabundou a graça”.

⁹⁰ KASPER, W., *La misericordia, clave del Evangelio y de la vida cristiana*. p. 59.

3º Capítulo

A dimensão da Misericórdia em movimentos de renovação espiritual

3. O Movimento da Aliança de Misericórdia

Os Movimentos de Renovação Espiritual recebem toda esta herança da Tradição da Igreja, derivada muitas vezes das Devoções referentes ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, ao qual surgem diversas piedades populares que por fim revelam o surgimentos de movimentos e comunidades religiosas.

De forma particular ganha destaque no crescimento e amadurecimento destes novos movimentos, o Concílio Vaticano II (com a revalorização do papel do leigo na Igreja), uma vez que estamos situados num período de transformações na Igreja e no Mundo⁹¹, e presenças importantes como de João Paulo II (com os documentos *Vita Consecrata* e *Chritifideles Laici*).

Nos enquadramos nos finais da década de 1960 e seguintes, período pós – conciliar, ao qual a Igreja Católica começa a viver na prática, de forma lenta e progressiva, as mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II e em diálogo com o mundo contemporâneo que incorre num forte momento de secularização, entendida a grosso modo como um processo pelo qual a sociedade, em vários segmentos, são como que subtraídos da dominação religiosa, ao qual a atividade religiosa não determina o caminhar da vida da sociedade.

Importante salientar que os Novos Movimentos de Renovação Espiritual surgem neste ambiente hostil, em que o próprio termo secularização serve para representar seja a libertação do homem moderno da tutela da religião como para definir o processo de descristianização da cultura,

⁹¹ FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL, *Novas Comunidades, Primavera da Igreja* Ed.Canção Nova, São Paulo 2008, p. 15.

que por fim desencadeara na imagem do homem moderno como alguém de profundo vazio interior, como alguém com grandes necessidades de se afirmar perante um grupo, mas que no fundo se sente perdido enquanto existência pessoal, ou seja o Homem Moderno é alguém carente de estar com, de unir-se a. Sendo assim as Novas Comunidades, podemos dizer que são um mover do Espírito Santo em resposta às necessidades do ser humano.

«A novidade e a criatividade do Espírito, que foram reservadas às nossas comunidades, são justamente a diversidade dos estados de vida, vivendo conjuntamente, dentro das mesmas estruturas, sendo um só e mesmo carisma. Veja que riqueza possuímos e como podemos com ela levar uma valiosíssima contribuição à Igreja e a toda a sociedade. Logo, não é verdade que devemos acolher e assumir esse modo de vida que nos foi reservado? Recebendo tão grande presente, só podemos fazer dele um Dom para a Igreja e para a sociedade de hoje, tão necessitada deste testemunho concreto e vital». ⁹²

Tendo como base todos este dado histórico, a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja conscientiza-se da necessidade de estabelecer laços mais profundos com a Família, como sendo este um perscrutar os sinais dos tempos, em que o sagrado concílio reconhece a importância e o lugar da missão dos leigos, sendo possível o apostolado ser realizado por cada cristão leigo ou ordenado.

Diante disso podemos afirmar com certeza que a promoção do laicado na Igreja foi um fator de fundamental importância para o surgimento dos Novos Movimentos Eclesiais, aqui chamados de Movimentos de Renovação Espiritual, conforme vemos a citação de João Paulo II, na *Christifideles Laici*:

«Se na História da Igreja tal fenômeno representou sempre uma linha constante, como o provam até aos nossos dias as várias confrarias, as ordens terceiras e os diversos

⁹² FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL, *Novas Comunidades, Primavera da Igreja*, p. 17.

sodalícios, ele recebe todavia, um notável impulso nos tempos modernos que têm visto o nascer e o irradiar de múltiplas formas agregativas: associações, grupos, comunidades, movimentos. Pode-se falar de uma nova era agregativa dos fiéis leigos. Com efeito, ao lado do associativismo tradicional e, por vezes, nas suas próprias raízes, brotaram movimentos e sodalícios novos, com fisionomia e finalidade específicas: tão grande é a riqueza e a versatilidade de recursos que o Espírito Santo infunde no tecido eclesial e tamanha é a capacidade de iniciativa e a generosidade do nosso laicato». ⁹³

Na sequência destes acontecimentos e de modo a exemplificar este novo impulso da Igreja, destacamos o nascimento da Comunidade Aliança de Misericórdia, em São Paulo – Brasil. Sendo esta comunidade uma “filha” do seu tempo, que traz fortemente enraizada a Espiritualidade da Misericórdia anunciada por Santa Faustina e também pela presença motivadora de São João Paulo II, conforme os próprios fundadores (os padres Antonello Caddedu e João Enrico)⁹⁴ dizem em uma das suas obras:

«Como Jesus mostra para Santa Faustina, a nossa vida tem que se tornar uma imagem viva da Misericórdia do Senhor. Cada um de nós é uma obra-prima do grande e único Artista: O Senhor da história, e cada um de nós é chamado para revelar ao mundo o grande mistério da Sua Misericórdia.» ⁹⁵

Fundada no ano Jubilar 2000, por dois padres de origem italiana, Antonello Caddedu e João Enrico, a Aliança de Misericórdia é um movimento eclesial, constituído como Associação Privada de Fiéis, reconhecida e sediada na Arquidiocese de São Paulo no Brasil.

⁹³ IOANNES PAULUS PP.II, *Adhortatio apostólica « Christifideles Laici »*, in AAS 81 (1989) 393-521,nº 29.

⁹⁴ São 2 padres de origem italiana, que no jubilar ano 2000 dão início na cidade de São Paulo-Brasil à uma nova comunidade, intitulada Aliança de Misericórdia.

⁹⁵ COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, *O sonho de Deus*. p. 12.

A identidade do movimento encontra-se na Palavra de Deus: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18-19)

Tendo como missão tornar-se uma expressão viva do amor misericordioso, que brota do coração do nosso Deus por meio da sua Igreja, para com os mais pobres material e espiritualmente. Para isso, a comunidade acolhe e une as forças de homens e mulheres, celibatários e casados, leigos e clérigos, que de várias formas e níveis, chamados por Deus, tornam-se “filhos da Misericórdia”, para evangelizar “as ovelhas perdidas” (cf. *Lc.* 15,4-7), confiantes na potência do Espírito Santo, realizando todas as obras de Misericórdia que as próprias forças permitirem.

«Conscientes do relacionamento inseparável existente entre o anúncio e o testemunho da caridade (cf. *Tg.* 2,14-19; 1 *Jo.* 3,14-17), comprometemo-nos a conjugar harmoniosamente, evangelização e caridade como duas faces de uma só moeda: A Igreja não pode, sob pena de trair a missão de Jesus, separar a salvação da promoção da justiça e da libertação»⁹⁶

Reconhecendo o Espírito Santo como o protagonista deste novo “Pentecostes de Misericórdia”, ao qual o “óleo” que o bom samaritano derramou sobre as feridas do pobre homem espancado pelos ladrões (cf. *Lc.* 10,29-37) é o mesmo Espírito Santo que hoje o Senhor ainda deseja derramar sobre as chagas de tantos corações quebrantados.

Na compreensão da comunidade Aliança de Misericórdia, ao qual sou membro, somos chamados a vivência de dimensão da misericórdia que transforma todo evangelizado em evangelizador e testemunha do amor transformador de Deus. Evangelizando, queremos “colocar”

⁹⁶ ESTATUTOS DA COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, n.9.

todo homem no colo de Deus, nestas «entranhas de Misericórdia», onde todo filho é gerado à “vida nova” e faz experiência viva e pessoal do amor de Deus, do qual torna-se testemunha (cf. *Jo.* 20,17-18). «Onde avultou o pecado, a graça superabundou (*Rm.* 5,20): a misericórdia nada mais é que a graça santificante, descendo no mais profundo das feridas humanas, nas chagas que paralisam e matam os filhos de Deus, e as transformam em fontes que jorram a água viva da santidade. Toda atividade apostólica visa sempre animar as comunidades cristãs para que assumam a própria missão fazendo de cada batizado um “missionário *Ad Gentes*”.

Reconhecemos em MARIA, “IMACULADA DO ESPÍRITO SANTO”, A NOSSA VERDADEIRA “FUNDADORA”. O canto do *Magnificat* revela o seu coração misericordioso e o seu imenso desejo de curar as chagas dos corações quebrantados: “depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias...” (*Lc* 1,52-53). “Maria, portanto, é aquela pessoa que conhece mais a fundo o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto ele é elevado. Neste sentido nós a chamamos também Mãe de Misericórdia, Nossa Senhora da Misericórdia, ou Mãe da Divina Misericórdia. [...] Estes títulos que atribuímos à Mãe de Deus falam dela, sobretudo, como Mãe do Crucificado e do Ressuscitado. Com efeito, ela, tendo experimentado a misericórdia de modo excepcional, “merece” igualmente tal misericórdia durante toda a sua vida terrena e, de modo particular, aos pés da cruz do Filho”.

Pelo nosso carisma somos chamados a ser Aliança de Misericórdia e ponte de Misericórdia entre: pobres e ricos; centro e periferia; pequenos e grandes; igreja e igreja; dimensão carismática e libertadora; ação evangelizadora e de promoção humana; a vida de oração e de ação; homem e homem; povos e povos; até os confins do mundo.

3.1 – Dimensão Antropológica da Misericórdia

A História da Salvação é construída tendo como base o princípio salvador de Deus em relação ao homem, e esta história desenvolve-se no decurso dos séculos, sendo fortemente marcada pela realidade frágil do ser humano, que muitas vezes se deixa conduzir por diversos fatores socioculturais que o leva à dispersão.

Sendo assim, a ação de Deus centra-se no resgate do homem, na reorientação da sua vida para o divino, levando-o a refazer suas escolhas em busca de uma sincera experiência de conversão, isto tudo é Antropologia, que é diferente de Antropocentrismo, pois de facto o homem está no centro, não como agente mas como alvo da ação de Deus. Na Antropologia da Misericórdia temos Deus como protagonista, o sujeito da ação e o homem como o objeto direto do mover divino.

Portanto quando falamos de Antropologia da Misericórdia, referimo-nos à relação de Deus, sempre mediada por Cristo, que na revelação se nos dá a conhecer, sendo esta uma revelação de salvação, de um Deus encarnado que vem até nós pela fé, que nos dá a plenitude de ser homem que é a certeza de ser Filho de Deus, sermos Filho no Filho.⁹⁷

3.2 – A vontade salvífica Universal de Deus

O homem enquanto ser criado à imagem de Deus, está inclinado a chegar à perfeição desta semelhança, sendo movido interiormente pela Graça, mesmo na sua condição de pecador, o qual é naturalmente deslocado para o pecado. Dizemos que, por outro lado, antes de qualquer consideração derivada da sua condição pecadora, o homem é por essência um ser naturalmente inclinado para Deus, em que a misericórdia se torna um lugar de acontecimento escatológico salvador. É a ação de Deus

⁹⁷ DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, Org. Juan José Tamayo. Ed. Paulus, São Paulo, 2005, p. 45.

que permite à sua mais bela criação regressar à sua origem, realizando por meio de Cristo uma transformação interior.

A Misericórdia apresentada por Jesus, tem uma íntima relação com a redenção dos pecados, uma vez que o pecado fere o homem no seu mais profundo, criando assim uma divisão, um cisma interior, torna-se um ser desfragmentado. Portanto, a ação de Deus reestabelece a ordem, e desta forma. Vemos que a obra de Salvação conduzida por Cristo eleva a condição do homem, ou seja, passa de um ser Sem Sentido (desfragmentado pelo pecado – sem identidade) para uma condição de participante da Filiação de Jesus.⁹⁸

A vontade salvífica de Deus abraça todos os homens, independentemente da sua profissão religiosa⁹⁹, a Vontade de Deus é inclusiva e atraente, da qual nenhuma pessoa está excluída a priori, ressaltando o carácter da liberdade fundamental de cada pessoa, assim acreditamos que a oferta da Misericórdia de Cristo se dá a todo o homem, de maneira misteriosa, no silêncio de cada pessoa e na realidade concreta e existencial de cada um.

⁹⁸ LADARIA, LUIZ F. *Introducción a la Antropología Teológica*. Ed. Verbo Divino, Navarra. 2011, p. 126.

⁹⁹ PAULUS PAPA. VI, «*Lumen Gentium*», in AAS 56 (1964). Vol. LVII. n.º 16.

“16. Finalmente, aqueles que ainda não receberam o Evangelho, estão de uma forma ou outra orientados para o Povo de Deus (32). Em primeiro lugar, aquele povo que recebeu a aliança e as promessas, e do qual nasceu Cristo segundo a carne (cfr. Rom. 9, 4-5), povo que segundo a eleição é muito amado, por causa dos Patriarcas, já que os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis (cfr. Rom. 11, 28-29). Mas o desígnio da salvação estende-se também àqueles que reconhecem o Criador, entre os quais vêm em primeiro lugar os muçulmanos, que professam seguir a fé de Abraão, e conosco adoram o Deus único e misericordioso, que há-de julgar os homens no último dia. E o mesmo Senhor nem sequer está longe daqueles que buscam, na sombra e em imagens, o Deus que ainda desconhecem; já que é Ele quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais (cfr. Act. 17, 25-28) e, como Salvador, quer que todos os homens se salvem (cfr. 1 Tim. 2,4). Com efeito, aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo, e a Sua Igreja, procuram, contudo, a Deus com coração sincero, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a Sua vontade, manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna (33). Nem a divina Providência nega os auxílios necessários à salvação àqueles que, sem culpa, não chegaram ainda ao conhecimento explícito de Deus e se esforçam, não sem o auxílio da graça, por levar uma vida recta. Tudo o que de bom e verdadeiro neles há, é considerado pela Igreja como preparação para receberem o Evangelho (34), dado por Aquele que ilumina todos os homens, para que possam finalmente a vida. Mas, muitas vezes, os homens, enganados pelo demónio, desorientam-se em seus pensamentos e trocam a verdade de Deus pela mentira, servindo a criatura de preferência ao Criador (cfr. Rom. 1,21 e 25), ou então, vivendo e morrendo sem Deus neste mundo, se expõem à desesperação final. Por isso, para promover a glória de Deus e a salvação de todos estes, a Igreja, lembrada do mandato do Senhor: «pregai o Evangelho a toda a criatura» (Mc. 16,16), procura zelosamente impulsionar as missões. “

Desta maneira, compreendemos que o conceito de misericórdia é profundamente Cristológico, pois a sua referência é o chamamento de todos os homens à salvação segundo o desígnio de Deus na configuração do homem com Cristo, sendo Cristo o primogénito de muitos irmãos.

A misericórdia divina é um momento definitivo para o homem, é ponto de encontro entre a realidade frágil da carne humana com o Amor que não se cansa de amar a Deus. Em Jesus é um amar que assume a fragilidade do homem. Toda a Fragilidade é assumida mediante a fragilidade que Deus manifestada no corpo de Cristo, diríamos que em Cristo, Deus fez-se frágil para receber a debilidade da humanidade. A gratuidade deste amor-misericórdia não seria uma fonte de angústia ou de desespero mas sim um sinal de esperança. Desta forma todo o sofrimento do ser humano encontra na cruenta vida de Cristo a sua segurança e sentido.

Diante da «Morte de Deus» na Cruz, a sua justiça não pode nunca estar em contradição com a sua misericórdia e com a generosidade do seu perdão, porque a justiça de Deus é uma justiça salvífica, que privilegia o bom propósito do pecador, libertando-o da escravidão causada pelo pecado, pois o homem na graça é um homem eleito e bendito por meio de Cristo, mesmo estando sempre sujeito a novas quedas, devido à sua limitação, pois a Misericórdia é a perfeição da justiça, porque vai além do ato em si, daquilo que se vê, ela age no íntimo da pessoa, nas suas razões últimas, onde todo o ser é Amor, Bondade e Beleza.¹⁰⁰

A iniciativa é sempre Divina, o desejo primeiro da salvação de todos pertence a Deus, e a sua fidelidade a esta aliança de misericórdia, que é firmada pelo sangue do Cordeiro, manifesta-se em Cristo, em que a justiça se refere a um poder salvador que se opõe e vence o poder do pecado, somos assim reconciliados com Deus, deixamos de ser inimigos para ser seus amigos, cf. Rom 5,10.

A misericórdia é a aceitação da obra de Cristo, como a única fonte de salvação, e assim Deus manifesta a sua justiça precisamente quando perdoa o pecador e não o castiga, excluindo assim toda

¹⁰⁰ LADARIA, LUIZ F. *Introducción a la Antropología Teológica*, p. 131.

a perspectiva errónea da visão de Deus como aquele que Castiga e pune, mas realçando a essência de Deus que é ser Amor sobre qualquer circunstância, um amor que não precisa de reciprocidade da nossa parte, mas que deseja que o homem se converta e O Ame.¹⁰¹

3.3 – A Misericórdia como Dom de ser Filho

O homem como criatura amada de Deus é chamado a configurar-se com Jesus Cristo durante a sua vida, uma vez que Cristo manifesta a sua identidade na sua íntima relação com o Pai, revelando assim uma intensa afirmação da sua filiação divina. Sendo assim, o homem é chamado a compartilhar desta relação única de amor entre Cristo e o Pai, por Cristo somos filhos no Filho e assim podemos chamar Deus de Pai - " *Abba* Pai"(cf. Gal 4,4-7).

Ao falarmos da filiação divina de Jesus, como critério de relação, podemos neste sentido falar também da filiação do homem, o qual também se insere nesta relação entre Cristo e Deus, não como um intruso, mas como Convidado, como Eleito. Sermos chamados Filhos de Deus, não seria por mérito próprio, mas pela misericórdia, revelada em Cristo eleva a nossa dignidade ao mais alto grau, em Cristo deixamos a orfandade para sermos reconhecidos como Filhos Amados do Pai.

Cristo é o único que pode introduzir o homem nesta relação filial que tem com Deus, Ele mesmo nos ensina a chamá-lo de Pai Nosso (cf. Mt 6,9), e ainda vemos que nos escritos paulinos a presença de Deus como Pai dos Homens, se dá apenas quando está relacionada com Jesus, cf. 1 Tes 1,1. Portanto diríamos que a Missão do Filho, assumindo a condição humana, o qual nasce sob a lei e por meio de uma santa mulher, teria como centro resgatar os que estavam sob o peso opressor da Lei para fazê-los livres, como um Filho, um filho que se sabe amado.¹⁰²

¹⁰¹ BALTHASAR, HANS URS VON. *Inferno ou Paraíso, o que podemos esperar?*. Ed. UC Editora, Lisboa 2012, p. 107.

¹⁰² LADARIA, LUIZ F. *Introducción a la Antropología Teológica*, p. 152.

Ser escolhido como «amado de Deus», é algo radicalmente transformador, por Cristo o homem sente-se incluído e não excluído, em vez de rejeitado é aceite na sua unicidade individual, ou seja, é necessário tornar-se amado, acolher em si a verdade de ser amado e permitir que esta certeza se encarne em tudo na vida do ser humano, nos seus pensamentos e ações, pois por fim, a convicção de ser amado, de ser filho, fortalece as nossas relações com os outros, despertando um profundo desejo de revelar aos outros que também eles são filhos amados do Pai, e logo somos todos irmãos, vivemos numa fraternidade universal, marcada pelos multiculturais «Rostos da Fé». A descoberta do amor infinito do Pai, leva-nos a tomar consciência da nossa vocação, que é ser Filho de Deus, deste Deus que possui em si a perfeição do Amor, que é amar sem desistir, um amor que de facto possui uma vulnerabilidade, que é a fraqueza de não conseguir parar de amar, se disséssemos que Deus tinha um defeito, acredito que seria esse, seria o perfeito defeito de nos Salvar: Ser Amor para alguém de todo o desamor. Por este amor, posso enfim ser livre, para dar e receber e mesmo livre até para morrer.¹⁰³

«Cesse de perturbar-se o vosso coração! Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar, e quando for e vos tiver preparado o lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também. E para onde vou, conheceis o caminho. Tomé lhe diz: " Senhor, não sabemos aonde vais. Como podemos conhecer o caminho?". Diz-lhe Jesus: " Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes" Filipe lhe diz: " Senhor mostra-nos o Pai e isso nos basta!". Diz-lhe Jesus: " Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces Filipe? Quem me vê, vê o Pai.» Jo14, 1-10¹⁰⁴

¹⁰³ NOUWEN HENRI. *O regresso do filho pródigo*. Editorial A.O., Braga 2007. p. 128.

¹⁰⁴ BIBLIA DE JERUSÁLEM, EDITORA PAULUS SÃO PAULO 2004.

A filiação divina na qual o homem é inserido, traz uma dimensão escatológica, seria o mesmo que afirmar a importância de ser filho para ser Salvo, sendo esta filiação uma participação na relação de Jesus com o Pai, ora ativa (o homem que ama a Deus dentro das suas limitações) e por outra passiva (o homem que é antes de tudo Amado por Deus), não sendo possível viver nesta relação de comunhão sem estar com uma vida de busca pela configuração total a Cristo.

A compreensão da Misericórdia como Dom de Ser Filho, somente é possível se *apriori* sabemos que Cristo, na essência do seu Ser é Filho, por ação do Espírito Santo, e assim sendo, Jesus nos faz *participes* da sua filiação, da sua relação com o Pai que constitui o mais íntimo do seu Ser, ou seja, podemos participar da sua condição irrecusável de Filho, por ação santificante do Espírito Santo.

«Jesus Cristo é a via principal da Igreja. Ele mesmo é a nossa via para " a casa do Pai" e é também a via para cada homem. Por esta via que leva Cristo ao homem, por esta via na qual Cristo se une a cada homem, a Igreja não pode ser travada por ninguém. Isso é exigência do bem temporal e do bem eterno do mesmo homem. Por respeito a Cristo e em razão daquele mistério que a vida da mesma Igreja constitui, esta não pode permanecer insensível a tudo aquilo que serve o verdadeiro bem do homem, assim como não pode permanecer indiferente àquilo que o ameaça.»¹⁰⁵

Por meio da adoção filial, o Pai se dá a nós como o verdadeiro Pai, amando-nos em Jesus, com o mesmo amor com que desde a eternidade ama o seu unigênito, Cristo é a causa de nossa adoção filial, que é a perfeição do homem, que na sua liberdade se move em direção a Deus, o homem anseia

¹⁰⁵ IOANNES PAULUS PP.II, *Litterae Encyclicae «Redemptoris Missio»*, in AAS 71 (1979),n. 8.

encontrar-se com Deus, pois esta busca é inerente à sua condição, é natural ao homem buscar a Deus, como é natural para um filho ir ao encontro do Pai.

3.4 – A Misericórdia como Ação de Deus para o Homem

A Misericórdia como Ação de Deus para o homem, é algo que confronta os anseios humanos de viver à sua maneira, com os seus projetos, assim a proposta divina surge como uma solução para o desespero anárquico em que se encontra o pecador, o Amor-Misericordioso é puro, e vai até ao fim, não abandona o homem, mesmo quando ele se encontra envolvido numa condição de pecado, e é um amor mais forte que a Morte, onde na Cruz se manifesta o Ápice da Ação misericordiosa de Deus.

O Amor-Misericordioso de Deus faz-nos ressuscitar continuamente, somos continuamente levantados do túmulo da morte, pois a vontade de Deus é que o homem viva e que tenha uma vida em plenitude, assim vivendo em nossa carne a ressurreição diária, pela graça podemos reencontrar em nós aquela " marca d'água" do amor divino que é natural ao ser humano, é descobrir em nós a luz do Criador que por vezes está encoberta pelo pecado, mas que nunca se extingue.¹⁰⁶

Somente na Salvação concedida por Deus é que o homem se torna plenamente são, graças ao sinal de Deus que por amor se rebaixa encarnado e se aniquila à morte, a misericórdia expressa nos atos de Cristo é um sim a tudo aquilo que proporciona ao homem a possibilidade da Salvação, seja um Sim à cruz, seja um Sim mesmo nos momentos em que se sente abandonado por Deus, de modo a fazer com que a Salvação pela via da Misericórdia se configure com todas as realidades do sofrimento por que o ser humano possa passar, desde a morte ao abandono.

Ao contemplarmos a *kenosis* divina, estamos diante de um amor que supera toda e qualquer tentativa humana, por maior que possa ser o esforço, é o Amor de Cristo o da nova e Eterna Aliança,

¹⁰⁶ Cf. BALTHASAR, HANS URS VON, *Só o amor é digno de fé*. Ed. Assírio e Alvim, Lisboa 2008.p. 117.

amor como misericórdia, que vem do coração, como gesto de abertura ao acolhimento, e que desperta no homem um desejo de ser como Deus, não no sentido pecaminoso, como se apresenta no Livro do Genesis¹⁰⁷, mas a Misericórdia de Deus funciona como uma graça motivadora, que leva a pessoa a viver os gestos de Misericórdia em sua vida, vivendo desta forma uma tentativa de Imitar a Deus, com disposições semelhantes às de Deus.

Movido pela graça, o agir cristão é essencialmente um agir segundo uma resposta à ação primeira de Deus para com o homem, somente pode agir a partir e em função do ato de Deus, a sua ação é escatológica¹⁰⁸, pois o Cristão encontra Cristo no próximo, portanto o outro é o alvo da misericórdia, pois amando o próximo estou amando diretamente a Deus, com a perspectiva da fé.

3.5 – Um olhar sobre Maria, o rosto Materno da Misericórdia.

Ao olharmos para Maria, temos que ela representa muito além da sua própria pessoa, é a figura do crente e da Igreja, é sinal do homem que acolhe o Verbo de Deus, do qual é a origem e o fim de toda criação e em Maria podemos dizer que Deus se faz morada para revelar ao ser humano que Ele deseja habitar em cada coração, por Maria e em Maria, acontece uma *kenosis* divina que tem por sentido prolongar-se para todos os homens, não em sentido substancial mas numa dimensão espiritual.

A encarnação, por meio da mulher, *viae Mariae*, tem um carácter passional, revela a paixão de Deus, é o início da nova Aliança de Amor entre Deus e o seu povo, o princípio de uma relação de amor que cura as feridas do pecado e é mais forte que a morte. Assim sendo a salvação de cada

¹⁰⁷ BIBLIA DE JERUSÁLEM, EDITORA PAULUS SÃO PAULO 2004.

Conforme a Passagem de Genesis 3, 1-24 - Em que temos o Relato do Paraíso, ao qual Adão e Eva são tentados pela serpente, revelando no fundo que a grande tentação do homem é querer ser como Deus.

¹⁰⁸ BALTHASAR, H., *Só o amor é digno de fé*, p.100.

homem é tornar-se como Maria: dizer sim à proposta do amor de Deus, dar a carne do seu corpo para ser configurada com a carne de Cristo e gerar no mundo o Filho de Deus.¹⁰⁹

Sendo Maria esta figura-modelo de Ser Igreja, vemos que a sua presença se torna inspiradora para o surgimento de movimentos e diversas realidades eclesiais que buscam o anúncio do Reino de Deus numa perspectiva mariana. Neste contexto situa-se a Comunidade Aliança de Misericórdia, que declara no seu Estatuto a pertença total a Nossa Senhora e que afirma que a comunidade nasce do seio de Maria à qual deseja unir-se ao seu Sim, para assim como João (cf. Jo19,27), trazê-la para a sua casa e deixar-se formar e educar por ela¹¹⁰, para que pelo caminho da sua pequenez o Evangelho possa ser vivido e anunciado.

Maria está presente em todos os grandes momentos constitutivos do Mistério Cristão, ou seja, Encarnação, Mistério Pascal e Pentecostes, a abranger a morte e a ressurreição de Cristo, desta forma abrindo caminho para nós que cremos, para passarmos da morte à vida. Por Maria abrem-se as «Portas da Misericórdia», como sendo um caminho de acesso à salvação, da mesma forma que uma mãe ama e faz de tudo pelo seu filho, também Nossa Senhora, a Mãe por excelência é capaz pela intercessão, levar a graça de Deus aos corações mais empedernidos, por isso afirmamos que ela é a Mãe da Misericórdia, em que através da *Viae Mariae* cada pessoa se sente e se sabe inserido na graça de Deus.

Maria não estava apenas perto da cruz do Senhor, ela estava unida à cruz de Jesus, estava no mesmo sofrimento, sofria com Ele, e em seu coração sofria as dores que seu Filho sofria na carne, cf. Lc 2,35¹¹¹. Ela compreendeu que devia ser discípula de Jesus também no suplício da cruz, assumindo

¹⁰⁹ FAUSTI, SILVANO. *Una comunità legge il Vangelo di Luca*. Ed. Nuova Edizione, Bologna 2011, p. 28.

¹¹⁰ ESTATUTO DA FAMÍLIA ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, nº.31.

¹¹¹ BIBLIA DE JERUSÁLEM, EDITORA PAULUS SÃO PAULO 2004. “ E a ti, uma espada traspassará tua alma! – para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações” (Lc.2,35).

em si toda a vontade do Pai, desde a solidão de Deus vivenciada após o anúncio do Anjo¹¹², percorrendo este caminho até experimentar a morte do seu filho.

Entendemos Maria, como o rosto materno da Misericórdia, é a Mulher símbolo da restauração de Israel, que canta as maravilhas que o Senhor operou nela e no seu povo. Maria conhece os dramas da sua gente e por isso é a figura escatológica da recapitulação do Povo de Israel.¹¹³

Maria acompanhou o mistério pascal, esteve unida a Jesus na cruz, em esperança, partilhou com o seu Filho não só a morte, mas também a esperança da ressurreição, assim como no Calvário da dor. Todos somos resgatados por Cristo e também por meio de Maria, na hora da dor encontramos a *Mater Misericordiae* que sofre connosco assim como sofreu com o seu Filho, estando sempre próxima daquele que sofre, mesmo que este não a reconheça. Maria conhece-nos sempre, porque o pecado pode ser capaz de manchar o pecador, mas não é capaz de torná-lo irreconhecível aos olhos da Mãe.

A presença de Maria, é surpreendente, uma presença questionadora para alguns e motivadora para outros. Ela é aquela que acreditou esperando contra toda a esperança, assim como Abraão, nosso Patriarca na Fé, Maria seria para os cristãos a Matriarca da nossa Fé, com uma Fé firme e decidida, mas também profundamente humana, marcada pelo sofrimento e por um Sim Fundamental, ao qual não foram dadas garantias nem explicações. Para Maria esperar é ser antes de tudo Mãe, ser misericordiosa é uma profunda exigência da sua vocação Materna.

“Nela, cheia de Graça, Mãe de Misericórdia, participamos da nova criação, dos novos céus e da nova terra. (cf. Gal 4,4). A Ela consagraremos a nossa vida, preparando a nova vinda de Cristo, na espera vigilante e atenta, prudente e sábia, com coração de mãe, por toda a Humanidade (cf. 1Ts 2, 7-8)”¹¹⁴

¹¹² BIBLIA DE JERUSÁLEM, EDITORA PAULUS SÃO PAULO 2004. “Disse então, Maria: Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra! E o anjo a deixou” (Lc. 1,38).

¹¹³ CANTALAMESSA, RANIERO. *Maria um espelho para a Igreja*. Ed. Santuário, Aparecida 1992. p. 78.

¹¹⁴ HENRIQUE, JOÃO. *No Oceano da Misericórdia Infinita*. Ed. Palavra e Prece, São Paulo 2004. p. 51.

Conclusão

Ao concluir esta primeira aproximação “histórico-teológica” sobre a questão da misericórdia de Deus, tenho um grande desejo de aprofundar sobre este tema, pois o que aqui foi exposto é apenas uma pequena contribuição diante de um tema de grande abrangência como este. Sendo que falar da misericórdia mesmo que seja possível teorizar será sempre limitado, pois tocamos uma área sobre a qual não temos controle, ao qual nossa capacidade intelectual por mais que se esforce, se confronta com o abismo que existe entre o que Deus é com aquilo que achamos que Ele é, Deus é muito além do que pensamos e percebemos que possa ser.

Mesmo diante desta realidade inalcançável de Deus, Ele se deixa encontrar através de Jesus Cristo, e revela-se como misericórdia, como amor que não pode deixar de amar, sendo assim entendemos que a misericórdia é uma manifestação do ser de Deus, que por ser amor que não cansa de amar proporciona ao homem pecador a graça do perdão, que restaura-o na sua dignidade manchada pelo pecado.

Entendemos que a misericórdia estabelece uma relação de compromisso, uma aliança entre Deus e o homem, uma relação que vai além da normas da lei, não é uma manifestação legalista, mas a relação de Deus com o homem é uma «Aliança de Misericórdia», marcada pela fidelidade de Deus, que permanece amando mesmo quando pecamos, quando somos infiéis. Este amor perene de Deus transforma o interior do pecador, como que levando a pessoa a converter-se pelo excesso de amor de Deus, um amor fecundo que nos converte simplesmente por amar e sem pedir recompensa¹¹⁵.

¹¹⁵ NOUWEN,H.,*O regresso do filho pródigo* (Braga,Secretariado Nacional 2007).p. 23

Diante disso percebemos que a misericórdia divina adquire uma dimensão humana¹¹⁶, marcada pela paixão de Deus, *patos* divino¹¹⁷, que encarnando-se recebe as marcas da dor e do sofrimento, diríamos que a misericórdia é ação de Deus que se fez homem, um amor ativo que abraça tudo quanto constitui a nossa humanidade pecadora.

Portanto todo homem é convidado a converter-se e a acreditar no amor misericordioso de Deus, viver a misericórdia é entrar numa relação de intimidade com Deus, experimentar que Deus nos surpreende a cada dia, ou seja, a salvação traz uma dimensão de acolhimento pessoal da misericórdia divina, que é mais forte que qualquer erro ou pecado, pois ser cristão é fazer esta experiência de ser «vitima da misericórdia» de Deus¹¹⁸.

Diante deste convite para que o homem moderno se converta a misericórdia de Deus, estamos confrontados com um problema que alertara o papa Francisco no decorrer do texto da Bula da Misericórdia “*Misericordiae Vultus*”¹¹⁹, ao dizer que para o mundo contemporâneo a questão da misericórdia se torna de difícil aceitação devido ao fato da dificuldade de compreender a misericórdia nas relações humanas, assim a misericórdia divina também se torna difícil para a sensibilidade humana.

A misericórdia também diz respeito a Deus e a alma, entre Deus e o coração humano, assim esquecer a misericórdia é grave e perigoso, porque assim o homem moderno fica ameaçado¹²⁰, pois seu coração pode ficar empedernido, sem a misericórdia corremos o risco de termos uma “sociedade sem coração”, sem sensibilidade, para fundamentar esta afirmação é necessário somente olhar para o terrorismo atual e por consequência teremos um mundo infeliz.

¹¹⁶ Papa João Paulo II, *Dives in Misericórdia*, p. 13.

¹¹⁷ JACINTO FARIAS, J., *Da incerteza à esperança* (Lisboa, UCP 2012), p. 103-104.

¹¹⁸ ESTATUTOS DA COMUNIDADE ALIANÇA DE MISERICÓRDIA, n. 18.

¹¹⁹ FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015), n. 02-05.

¹²⁰ FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015), n. 15.

Nesta perspectiva a misericórdia atinge o homem infeliz, que sente-se desprezível, ser misericordioso é estar atento para quem está nessas condições de miséria¹²¹, seja a miséria material (a falta do pão) como espiritual (a falta de fé). A misericórdia se estabelece na relação entre Deus e o homem, e entre os próprios homens, nas relações humanas, assim sendo a misericórdia é de facto atributo divino, mas também uma virtude humana¹²².

O desafio dos nossos dias, enquanto realidade pastoral é perceber a misericórdia não apenas como atributo divino mas como virtude humana, como disponibilidade do coração para aquele que está envolvido na miséria. E assim lutar contra a globalização da indiferença e, criar a globalização da proximidade, é necessário inverter esta insensibilidade social em proximidade com o que sofre, com o miserável.

Em nota de síntese diria que a misericórdia antes de qualquer ação, é uma oração profunda, que nasce do coração, que brota do interior do homem e que de toca o “coração de Deus”, a exemplo do chamado bom ladrão, que no culminar da sua existência fez uma súplica verdadeira e assim foi o primeiro herdeiro do Reino do Céus: «Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino» (*Lc.* 23,38).

¹²¹ FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015),n. 02.

¹²² FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015),n. 09.

Bibliografia

1. Bibliografia Principal

- IOANNES PAULUS PP.II., *Litterae Encyclicae «Redemptor Hominis»*, in AAS 71 (1979),Vol.LXXI,pp.257-324.
- IOANNES PAULUS PP.II., *Litterae Encyclicae « Dives in Misericordia»*, in AAS 72 (1980),Vol.LXXII,pp. 1177-1231.
- IOANNES PAULUS PP.II., *Adhortatio Apostolica »Reconciliatio et Paenitentiae»* in AAS 76 (1984),Vol. LXXVI,pp.513-546.
- IOANNES PAULUS PP.II., *Litterae Encyclicae « Dominun et Vivificantem »*, in AAS 78 (1986),Vol.LXXVIII,pp. 809-900.
- IOANNES PAULUS PP.II, *Adhortatio apostólica « Christifideles Laici»*, in AAS 81 (1989) 393-521.
- IOANNES PAULUS PP.II., *Litterae Encyclicae «Redemptoris Missio»*, in AAS 83 (1991),Vol.LXXXIII,pp. 249-339.
- IOANNES PAULUS PP.II., *Adhortatio Apostolica Postsynodalis « Pastores dabo vobis »* , in AAS 84 (1992),Vol.LXXXIV,pp.657-804.
- IOANNES PAULUS PP.II., *Litterae Apostolicae Misericordia Dei*, in AAS 94 (2002),Vol.XCIV,pp.452-459.
- FRANCISCUS PP., *Litterae Encyclicae « Lumen Fidei »*, in AAS 105 (2013),Vol.CV,pp555-596.
- FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»*, in AAS 105 (2013), Vol.CV,pp.1019 -1138.
- FRANCISCUS PP., *Misericordiae vultus* (Roma, Editrice Vaticana 2015).
- FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Amoris Laetitia»*(Roma, Editrice Vaticana 2015).
- FRANCISCO PP., *O nome de Deus é Misericórdia* (Lisboa,Ed.Planeta 2016).
- ESTATUTO DA FAMÍLIA ALIANÇA DE MISERICÓRDIA (São Paulo 2014).
- HENRIQUE,J., *No Oceano da Misericórdia Infinita* (São Paulo,Palavra e Prece 2004).

KOWALSKA, F., *Diário, A misericórdia na minha alma* (Fatima, Marianos da Imaculada Conceição 2003).

2. Bibliografia Auxiliar

BENEDICTUS PP.XVI., *Litterae Encyclicae «Deus Caritas est»*, in AAS 97 (2005), Vol.XCVIII, pp. 217-253.

PIUS PP.XII, *Litterae Encyclicae « Haurietis Aquas »*, in AAS 48 (1956), Vol.XXIII, pp.309-353.

PAULUS PP.VI., *Constitutio Dogmatica de Ecclesia «Lumem Gentium»*, in AAS 56 (1964), Vol. LVII, pp. 5-71.

CADEDDU, A.- HENRIQUE., J., *Tua Palavra é lâmpada para os meus pés* (São Paulo, Cultor de Livros 2012).

CANTALAMESSA, R., *Maria um espelho para a Igreja* (Aparecida, Ed.Santuário 1992).

CATECISMO DA IGREJA CATOLICA (São Paulo, Loyola 2000).

CONSEJO PONTIFICIO PARA LOS LAICOS., *Los movimientos eclesiales en la solicitud pastoral de los obispos* (Roma, Editrice Vaticana 2000).

CONSEJO PONTIFICIO PARA LOS LAICOS., *La Belleza de ser Cristiano* (Roma, Editrice Vaticana 2007).

DICIONÁRIO BÍBLICO (São Paulo, Paulus, 1983) pp. 615-618.

DICIONÁRIO DE LATIM (Porto, Ed. Porto, 2008, Vol 3).

ÉMILE.B., *História da Beata Margarida Maria*, (Trad. José Joaquim Nunes. Porto, Ed. Chardron 1970).

FAUSTI,S., *Una comunità legge il Vangelo di Luca* (Bologna, Ed. Nuova Edizione 2011).

JACINTO FARIAS,J., *O kairos sacramental, o lugar do cruzamento do tempo e a eternidade, da justiça e da misericórdia* (Lisboa,UCP 2011).

JACINTO FARIAS,J., *Da incerteza à esperança* (Lisboa,UCP 2012).

JOÃO PAULO PP II., *Memória e Identidade*.EdBertrand, Lisboa 2005.

LADARIA,L., *Introduccion a la Antropologia Teologica* (Pamplona, Verbo Divino 1992).

MARGARIDA MARIA ALACOQUE, S., *Autobiografia de Santa Margarida Maria Alacoque* (Braga, Apostolado da Oração 1984).

MISTERIUM SALUTIS., *Compêndio de Dogmática, o Evento Cristo* (Petropolis,Vozes, Vol III 1971).

NOUWEN,H.,*O regresso do filho pródigo* (Braga,Secretariado Nacional 2007).

RATZINGER,J.,*A caminho de Jesus Cristo* (Coimbra,Tenacitas 2006).

KASPER,W.,*La misericordia clave del Evangelio y de la vida cristiana.*(Santander,Ed.Sal Terrae 2012,Vol.4).

3. Bibliografia Geral

IOANNES PAULUS PP.II., *Litterae Encyclicae «Veritates Splendor»*, in AAS 85 (1993),Vol.LXXXV,pp. 1133-1228.

IOANNES PAULUS PP.II., *Adhortatio Apostolica Postsynodalis « Vita Consecrata »*, in AAS 88 (1996),Vol.LXXXVIII,pp. 377-486.

BALTHASAR, H., *Inferno ou Paraiso, o que podemos esperar?* (Lisboa, Universidade Catolica Editora 2012).

BENTO XVI,PP., *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição* (Lisboa, Rei dos Livros 2011).

FORTE,B., *Porque confessar-se? A reconciliação e a beleza de Deus* (Lisboa, Paulus 2012).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL., *Igreja Particular, movimentos eclesiais e novas comunidades* (São Paulo,Paulinas 2005).

COMISSÃO TEOLOGICO-HISTORICO DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000., *Deus, pai de misericórdia* (Lisboa, Paulinas 1998).

FEYTOR PINTO, V., *As provocações dos homens à misericórdia de Deus* (Lisboa, Paulus 2006).

FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL., *Novas comunidades Primavera da Igreja.* (São Paulo, Canção Nova 2008).

FORTE, B., *A essência do Cristianismo* (Petrópolis, Vozes 2003).

HARTMANN, E.-NUNES, L., *O Rosto do Pai* (São Paulo, Loyola 1999).

LEGIDO,M.,*Misericórdia entranable, história de la salvação anunciada a los pobres* (Salamanca,Sigueme 1987).

PRÉVOT, A., *Amor,Paz e Alegria* (São Paulo, Ed.Cultor de Livros 2012).

RIBEIRO,M., *Mysterium Paschale. A quenose de Deus segundo Hans Urs Von Basthasar* (São Paulo, Loyola, 2004).

SILVIO COUTO,A., *Sinais da misericórdia de Deus como Pai* (Sesimbra, Centro de Estudos Culturais e de Acção Social Raio de Luz, 1998).

VAN SCHOOTE, Jean-Pierre; SAGNE, Jean-Claude., *Miseria e misericordia perché e come confessarsi oggi* (Magnamo, Qiqajon 1992).

VIDAL,M., *Dios de misericordia y conciencia moral - la propuesta antijansenista de San Alfonso Maria de Liguori* (Madrid, Editorial Perpetuo Socorro 2000).